



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC

Memória oral em documentário: resistência, cultura, saberes e fazeres na
comunidade assentamento Rio Bonito, Cavalcante - Goiás.

Luana Rosa Araujo

Cavalcante-GO
2023

Luana Rosa Araujo

Memória oral em documentário: resistência, cultura, saberes e fazeres na comunidade assentamento Rio Bonito, Cavalcante - Goiás.

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Faculdade UnB Planaltina como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Educação do Campo na área de Linguagens, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Cavalcante - GO
2023

Luana Rosa Araujo

Memória oral em documentário: resistência, cultura, saberes e fazeres na comunidade assentamento Rio Bonito, Cavalcante - Goiás.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves (Orientador)
Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB)

Prof.^a Dra. Maria Osanette de Medeiros (Examinadora)
Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB)

Prof.^a Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva (Examinadora)
Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB)

Prof. Me. Simone Menezes da Rosa (Suplente)
Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB)

Caro Leitor

Se você chegou até aqui é sinal que o tema desse trabalho de pesquisa te despertou curiosidade, seja bem-vindo a essa experiência incrível em conhecer a história e especificidade de uma comunidade ainda bem tímida perante a sociedade.

Ah, Rio Bonito, meu lugar,
Local de várias famílias,
Guardiões de saberes,
Saberes e vivências,
Lugar de cultura,
Tem seus modos de produção,
Luta e resistência.

Ah, Rio Bonito, se tu soubesse a importância que tens,
Ah, e o que tens somado na construção do território,
Sua beleza tão extrema estaria no luar.

Crianças, jovens, mulheres, homens, terceira idade,
Que juntos somam narrativas de memórias
Tão linda e esperançosa,

Local onde a agricultura se faz farta,
A partir de mãos sábias e dos conhecimentos dos agricultores,
Onde se faz uso da memória e saberes,
Cuidando e preservando-os,

Um local que reside 72 famílias,
Que além da agricultura familiar,
Tem modos de produção diversificada,
Cultura e ancestralidade.

Tem também belezas da natureza, duas lindas Cachoeiras,
São conhecimentos e recursos que somente os assentados que ali reside faz uso da
mesma.

Ah, Rio Bonito, ainda tão tímido,
Pouco conhecido e também valorizado,

Mas tu ainda vai se revelar,
Diante da sociedade,
Nas narrativas de luta e resistência local,
Ainda serão do conhecimento de todos.

“Por mais forte que seja o galho, quem sustenta a árvore é a raiz.
Conheça, valorize e respeite sua ancestralidade.”
(sabedoria popular)

“Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes.”
(Paulo Freire)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente ao assentamento Rio Bonito, minha comunidade de base que me deu todo suporte e apoio informativo para que eu desenvolvesse esse trabalho de pesquisa, especialmente aos assentados, Cida, Tim, Romana, Adevaldo, Alvina, Celina, Eva, Adriana, Celia, Hermana, Gersonio, Edson, Bene, Reisinha, Reisney, Cantu, Dos Reis, Valdemar, Elano, Gésio, Geraldo e Eliene.

Ao meu companheiro de vida, meu esposo que me apoiou, deu suporte, e auxiliou para que fosse possível eu concluir esse desafio.

A minha família que sempre me apoiaram e acreditam em mim, como destaque meus mestres, Seu Geraldo e Dona Eliene meus pais.

Ao Professor Felipe Canova por aceitar me orientar nesse trabalho e embarcar juntamente comigo nessa construção, me incentivando, auxiliando e orientando.

Ao movimento sindical por me incentivar e despertar para que eu ocupasse esses espaços de construção formativa, lutas, vivências, troca de experiências, lugar de fala e transformação de sujeitos.

As minhas amigas do quarto dois, que tornaram meus dias melhores no decorrer dessa jornada, Almeci, Erlane, Josineste, Germana. Irmandade que levarei comigo da Universidade para a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu suporte diário.

Gratidão a todos que contribuíram direto e indiretamente para que fosse possível eu concluir esse processo transformativo.

Agradeço a turma 14 e 15, Gabriela Monteiro, em especial Franciele, Vinicius, Maria José, Nadiane, Guilherme, Bruno, Taina, Larissa, Maysa, Thalia, Neri.

Agradeço a minha mãe Eliene e ao meu Pai Geraldo, minha base e espelho de vida, que me apoiaram e incentivaram diariamente e deram todo o suporte para meus estudos.

Agradeço a meu esposo Lucimar, que esteve comigo nessa jornada, cada lágrima que caía, cada crise de ansiedade, cada desafio concluído, e a cada avanço nessa jornada formativa, ele sempre esteve ao meu lado, me dando força e torcendo por mim.

Agradeço as minhas companheiras do quarto 2, Almecei, Josineste, Erlane, Germana.

Agradeço a professora Regina Coelly e a professora Maria Osanette por aceitar fazerem parte da banca. E a professora Simone por me orientar na banca de qualificação.

Agradeço ao professor Felipe Canova pela disponibilidade e boa vontade em me orientar nesse trabalho.

Agradeço a todos os professores da Ledoc, sem soma de dúvida todos foram essenciais no meu processo formativo.

Agradeço a UNB-FUP pela acolhida e todo apoio para que eu permanecesse cursando educação do campo mesmo em meio a pandemia.

Agradeço a todos os funcionários da UNB Campus Planaltina pela receptividade.

RESUMO

O documentário e a pesquisa monográfica pretendem, por meio da memória oral, sistematizar relatos sobre a história do assentamento Rio Bonito e as experiências vividas pelos assentados, a cultura local, os saberes e fazeres. Sendo assim, a narrativa histórica abordou aspectos como resistência, cultura, manejos de agricultura familiar sustentável no assentamento Rio Bonito. Com o tema da narrativa histórica em documentário audiovisual e o enfoque na memória oral dos sujeitos do assentamento Rio Bonito, Cavalcante, Goiás, documentamos a história do Assentamento Rio Bonito por meio do audiovisual, elaborando uma narrativa audiovisual com enfoque na memória oral dos sujeitos da luta pela terra. Foram realizadas 21 entrevistas compondo um documentário de uma hora de duração, no qual registrei lutas, resistências, agricultura familiar, agroecologia, e desenvolvimento no assentamento Rio Bonito. Acreditamos que emergiu uma história não dita sobre o assentamento e valorizou-se a importância da luta pela terra e a resistência no território, por meio da criação de um material audiovisual que pode ter uma apropriação pedagógica para as escolas do campo e pelos assentados da comunidade.

Palavras-chaves: documentário, assentamento, agricultura familiar, agroecologia, narrativas, memórias, identidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCU - Contrato Concessão de Uso

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ASPASO - Associação dos Produtores do assentamento Órfãos

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo UnB

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura Familiar

ENFOC - Escola Nacional de Formação Da Contag

FETADFE - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Distrito Federal Entorno e Nordeste Goiano

CSA - Comunidade que Sustenta a Agricultura

STTR - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

Sumário

Introdução.....	11
Memorial Acadêmico.....	12
Metodologia de pesquisa.....	14
Capítulo 1 – Contexto de Pesquisa.....	18
1.1 - Cultura Local.....	27
1.2- Experiência com produção orgânica e agroecologia na parcela de número 55.....	40
Capítulo 2 – Referencial teórico.....	48
História Oral.....	48
Documentário como gênero audiovisual.....	51
Assentamentos, agricultura camponesa e a agroecologia.....	53
Capítulo 3 – Análise de entrevistas do documentário.....	64
Considerações finais.....	70
Referências Bibliográficas.....	71
Apêndice 1 – Lista de Entrevistados – Assentamento Rio Bonito.....	75
Apêndice 2 – Fotos da produção orgânica e agroecológica da Parcela 55 – Assentamento Rio Bonito.....	76
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das/os Participantes da Pesquisa.....	125

INTRODUÇÃO

Os anos vão se passando e as histórias e memórias do assentamento vão se perdendo, na medida que os mais velhos morrem uma nova geração surge. Vão se construindo novas identidades, métodos de trabalho e reconstruindo a cultura local. Com isso surge a necessidade de documentar essas narrativas para que esse material sirva de troca de saberes entre os mais velhos e a nova geração, mantendo assim a cultura local e seus saberes ancestrais.

Sou assentada juntamente com a minha família há vinte e dois anos e é no assentamento que reestruturamos a nossa vida e tivemos a oportunidade em ter um pedaço de terra onde possamos manter a diversidade da natureza e produzir alimentos saudáveis. Sendo assim como jovem do assentamento Rio Bonito observei a necessidade da história do assentamento e sua diversidade ser documentada. Percebi que muitos saberes locais se perderam com o passar dos anos, devido não haver a troca de conhecimentos da geração passada para geração atual, e com isso as narrativas de lutas, resistência, saberes e cultura locais vão se findando e surgindo novas narrativas restruturadas de acordo com a realidade atual.

Esse trabalho visa por meio do documentário resgatar essas memórias vivas através de assentados nativos local que viveram a resistência e as transformações sob o assentamento, e transmitir para a nova geração que vem surgindo para que assim não se perca a historicidade local. Dando visibilidade e mostrando a importância que foi e tem para a construção de um território diversificado.

Nesta pesquisa irei resgatar e documentar a historicidade do assentamento com enfoque em resistência e as dificuldades enfrentadas, cultura, saberes e fazeres e seus modos de produção na comunidade. E que esse material possa vir a ser uma ferramenta didática e também um objeto de pesquisa, mantendo viva a historicidade e luta local para que não se perca a cultura e nem os manejos de agricultura familiar sustentável. Entendemos que a partir do documentário a conscientização junto à comunidade da

importância de resgatar e documentar a memória local se torna mais viável, também pelo registro e sistematização das falas dos moradores. A história oral tem papel fundamental na construção da memória do território em questão, pois é a partir da oralidade que vai se dando fundamentos na memória local, e a partir das narrativas vivenciadas e sua oralidade que vai se construindo a memória local e sua identidade.

Memorial

Nasci em Niquelândia, Goiás, por onde vivi durante os meus primeiros anos de vida. Meu pai sempre trabalhou na roça de serviço braçal, então toda a família acompanhava ele pelas fazendas durante as empreitadas. Em 1999, mudamos para o assentamento Rio Bonito, lugar onde iniciou a minha alfabetização e onde estudei até a quarta série. Na época no assentamento só tinha aulas até a quarta série em uma escola improvisada construída pelos próprios assentados. Como eu não tinha opção de continuar os estudos no assentamento tive que retornar para Niquelândia para dar continuidade no meu processo formativo, local onde finalizei o ensino fundamental. Criou-se nesse tempo uma casa de apoio em Cavalcante, Goiás, onde crianças e jovens de comunidades rurais pudessem ficar para estudar; foi quando vi a oportunidade e fui morar em Cavalcante no Nosso Lar e assim iniciando o ensino médio. Na época residiam no local 18 pessoas entre crianças e jovens que ficavam na casa de apoio durante a semana e nos fins de semana iam para suas comunidades.

Em 2012, iniciei estágio no sindicato dos trabalhadores rurais de Cavalcante, e foi onde comecei a participar de vários processos formativos dentro do movimento sindical. Nesse mesmo ano tive a oportunidade de fazer o curso nacional de formação da CONTAG com duração de 224 horas composto por eixo temático de ação sindical e desenvolvimento rural sustentável e solidário, eixos pedagógicos memória, identidade e pedagogia para uma nova sociedade. Com estratégia de formação militante referenciada pela concepção da Educação Popular e da Educação do Campo. Foi quando comecei a

ter compreensão sobre o movimento sindical e sua importância, e após isso continuei estagiando no sindicato meio período e trabalhando como monitora do programa Pró-Jovem na prefeitura municipal de Cavalcante.

Em 2013, deixei de ser estagiária no sindicato e passei a ser secretária de jovens na mesma organização, fazendo parte da diretoria, onde fui eleita em uma chapa com duração por 4 anos. Continuei participando dos processos formativos da Escola Nacional de Formação da Contag, onde participei dos cursos à nível nacional, regional e estadual, tornando-me assim educadora popular da rede de educadores da Enfoc/Contag. Em junho de 2013, fui eleita diretora de jovens da Federação Estadual dos Trabalhadores Rurais Na Agricultura do Distrito Federal, entorno e Nordeste Goiano por 4 anos.

Então, saí do Pró Jovem e me mudei para o DF, onde permaneci como secretaria do sindicato a distância e trabalhando como diretora na federação presencial. Durante esses 4 anos como diretora na federação continuei participando de vários processos formativos e atividades de construção, tais como curso nacional de formação político sindical para as mulheres com eixo temático, feminismo, gênero e ação sindical, festival regional da juventude rural, seminário internacional da juventude rural pela reforma agrária e crédito fundiário, curso nacional de formação em cooperação internacional para a promoção da agroecologia e soberania alimentar e nutricional, 4º encontro nacional de formação – ENAFOR, curso estadual de legislação e práticas trabalhistas, plenária nacional de jovens trabalhadores rurais, coletivo de secretaria geral, seminário de formação em previdência social, marcha das margaridas, grito da terra Brasil e festival nacional da juventude rural. Durante os 4 anos como diretora de jovens, participei dos conselhos deliberativos da Contag e da federação e fui conselheira fiscal do Senar-DF por 2 anos.

Em 2017, findou meu mandato na diretoria do sindicato e da federação. Foi quando deixei de participar efetivamente do movimento sindical e iniciei novos desafios. Nessa época abriu processo seletivo para o vestibular da LEdoC-UNB, e foi quando me inscrevi, fiz vestibular, passei e iniciei o curso no segundo semestre de 2018. A partir daí

continuei minha participação nos vários processos formativos e construtivos da Educação do Campo: as edições da semana universitária em 2018, 2019, 2020 e 2021, fiz vários cursos tais como curso em noções básicas para coordenar cursos online, encontro regional da Educação do Campo do Centro Oeste, educação popular e centenário Paulo Freire, feira de ciência agroecológica, introdução ao documentário com Grupo de Pesquisa Terra em Cena, congresso internacional de educação em territórios rurais e Educação do Campo, o campo a partir do cinema, educador social na perspectiva da educação popular. Participei de vários projetos de extensão, contribuindo inclusive na construção do guia agenda 2030, integrando ODS, educação e sociedade.

Sem sombra de dúvidas, a partir da minha participação nas atividades dentro do movimento sindical mudei completamente a minha postura enquanto sujeito do campo e passei a compreender a importância da minha participação dentro dessas instâncias de decisões. Foi dentro do movimento sindical que aprendi a trabalhar coletivamente e entender os grupos de trabalhos e sua importância na construção da formação enquanto sujeitos transformadores. Uma formação que seguiu dentro da Educação do Campo. Nesses cursos e processos formativos, eu não me formei e sim me transformei.

Metodologia de pesquisa

O tema de nossa pesquisa corresponde à narrativa histórica em documentário audiovisual com enfoque na memória oral dos sujeitos do assentamento Rio Bonito, Cavalcante, Goiás. Sendo que, neste trabalho de conclusão de curso, o documentário e a pesquisa monográfica pretendem, por meio da memória oral, sistematizar relatos sobre a história do assentamento Rio Bonito e as experiências vividas pelos assentados, a cultura local, os saberes e fazeres. Sendo assim, a narrativa histórica abordará aspectos como resistência, cultura, manejos de agricultura familiar sustentável no assentamento Rio Bonito.

O objetivo geral da pesquisa é documentar a história do Assentamento Rio Bonito por meio do audiovisual, elaborando uma narrativa com enfoque na memória oral dos sujeitos da luta pela terra. Desta forma, registraremos lutas, resistências, agricultura familiar, agroecologia, e desenvolvimento no assentamento Rio Bonito. Como objetivos específicos, definimos:

- Conhecer como se deu a luta durante a criação do assentamento, criando um material audiovisual que tenha uma apropriação pedagógica para as escolas do campo e incentive aos assentados reconhecer a importância da historicidade local.
- Identificar quais os desafios enfrentados pra preservar a cultura local e os saberes ancestrais, contribuindo com a ampliação do conhecimento da cultura do assentamento e o registro de suas especificidades.
- Identificar experiências agroecológicas local e fazer com que as mesmas seja modelo de modos de produção.

A metodologia de pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) em torno da história oral compreende todo um conjunto de narrativas que fundamentam o antes e o durante da construção no devido território. Em nossa pesquisa, utilizamos a gravação em vídeo de depoimentos com moradores do assentamento, o que exige antes da pesquisa a construção de um roteiro onde há levantamento de dados para a preparação das entrevistas.

Como fundamentaremos adiante, a história oral é uma forma que temos em ter acesso a narrativas diversas, pois é através das oralidades que obtemos informações a partir de vivências. A centralidade então de nossa metodologia de pesquisa consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, modos de vida ou outros aspectos da história do território e,

posteriormente, editar esse material em uma narrativa autoral colocando meu próprio ponto de vista em um documentário.

Esses dados colhidos a partir das narrativas nos impulsionam para a compreensão da história local com dados desde o passado até os dias atuais ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Nessa pesquisa colhi relatos e registrei com vídeos, fotos e escrita a historicidade local, relatando memórias vivenciadas pelos assentados incluindo memória de lutas, cultura, resistência e experiências com a agricultura familiar agroecológica e seus modos de trabalho e assim construí um memorial em forma de documentário, onde o objetivo principal é resgatar e manter a história do assentamento Rio Bonito.

Os sujeitos que participaram da pesquisa como entrevistados foram assentados, professores, representantes da associação local e foliões através entrevistas semiestruturadas, nas quais houve um diálogo aberto entorno de questões primordiais e norteadoras relacionado a história do assentamento e sua diversidade. Ao todo realizei 17 entrevistas a partir de ancestrais locais, pessoas nativas e criadas desde a antiga Fazenda Órfãos até a transformação em assentamento, pessoas que tem informações com propriedades referentes a cultura local, lutas, experiências, agroecologia dentre outros. Cabe ressaltar que todas e todos entrevistados preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das/os Participantes da Pesquisa, de posse da autora e conforme o Apêndice 3 deste trabalho.

Questionário da entrevista semiestruturada

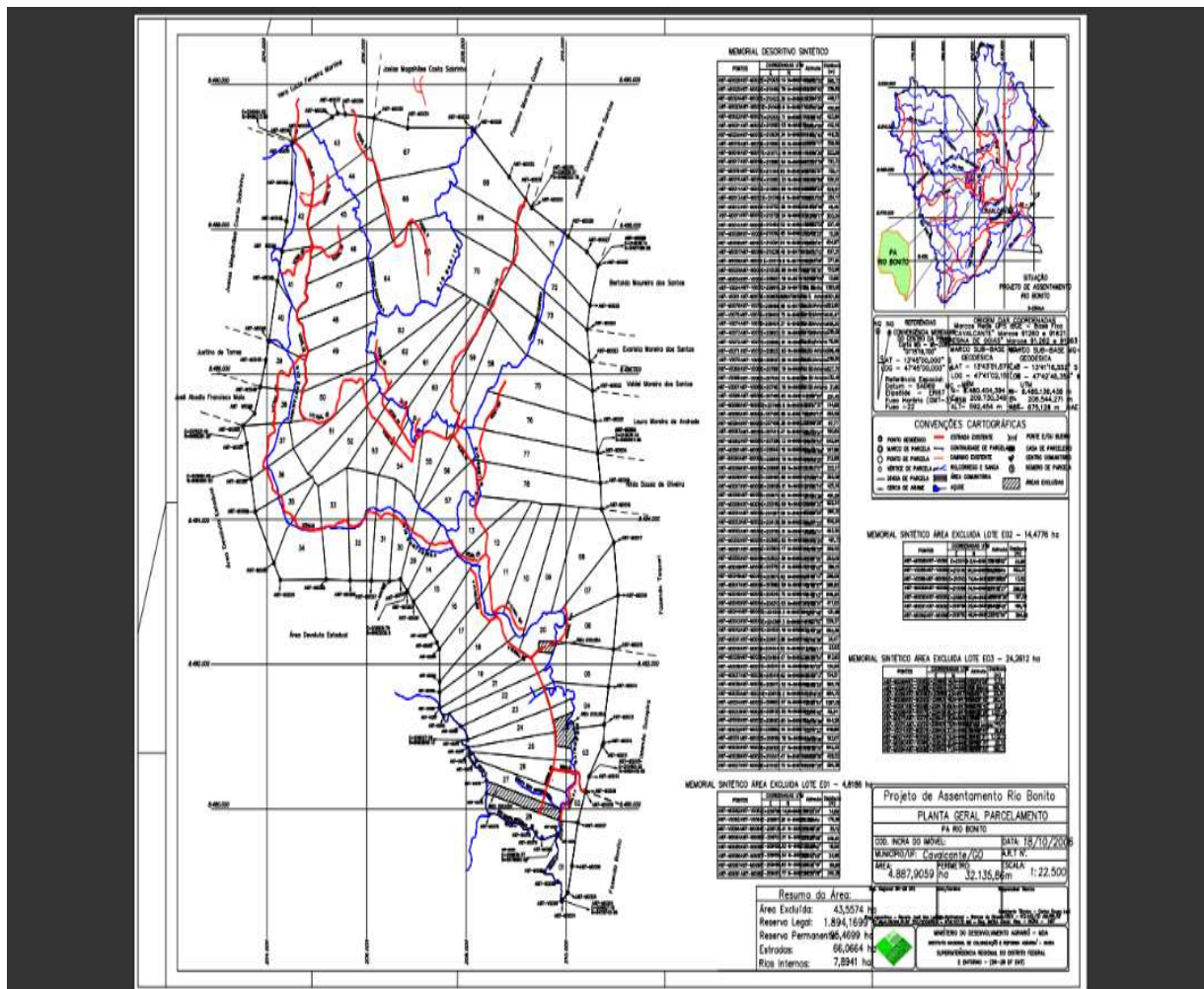
- 1- Como era o local antes de vir a ser assentamento?
- 2- Quando foi criado o assentamento?
- 3- Quais foram as lutas e resistências enfrentadas no início durante a criação do assentamento?
- 4- Qual a principal característica do assentamento?
- 5- Quais modos de produção no início e as transformações até os dias atuais?

- 6-** Quais as principais manifestações da cultura local?
- 7-** Quais foram os primeiros assentados?
- 8-** Quando foi criada a associação do assentamento e quem foi o primeiro presidente?
- 9-** Quais são os saberes medicinais?
- 10-** Como foi o processo formativo(escolar) no início até os dias atuais?

Capítulo 1 – Contexto de Pesquisa

FIGURA 1

Mapa do Assentamento Rio Bonito.



Fonte: associação ASPASO.

Nos anos 1997/1998, quando já há alguns anos anteriores, inúmeros posseiros, ocupantes de glebas de terras na Fazenda Órfãos, onde trabalhavam em regime de economia familiar, sofriam diversas pressões por parte de administradores da Fazenda Órfãos, época que o principal objetivo era aumentar o tamanho de extensão de terras da Fazenda. Nela predominava o latifúndio e a pecuária de forma extensiva. Ocorreu que alguns políticos na época, se sensibilizaram com a situação caótica dos posseiros e pediram a desapropriação do imóvel com o objetivo de transformá-lo em assentamento de reforma agrária por meio do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), vez que a Fazenda foi vistoriada e iniciou-se um longo processo judicial, na época tramitava na Superintendência Regional SR-04, em Goiânia, que iniciou todos os trabalhos da desapropriação, mas, no ano seguinte passou todos os processos para a SR-28 DFE (Superintendência Regional do Distrito Federal e Entorno) e diversos trabalhos foram feitos, mas com muita demora, a exemplo da demarcatória do perímetro do PA.

Não se sabia o que era de domínio público ou particular, bem quem eram verdadeiramente os posseiros que deveriam ser reconhecidos por ambas as partes, embora alguns dos posseiros não houvessem resistido e haviam saído do imóvel, só retornando após o início da desapropriação do imóvel por parte do INCRA.

Após aproximadamente oito longos anos e depois de muitas reivindicações feitas pela associação do PA, criada no ano de 1998 que contava com apoio de técnicos do projeto LUMIAR que haviam iniciado o PDA, o qual não foi concluído de forma legal e de acordo com a realidade do PA.

Mais tarde o INCRA emitiu os primeiros contratos de assentamento, na época sem parcelamento, sem PDA concluído e sem perímetro definido legalmente, o INCRA sob pressão, reconhecendo a dura realidade das famílias, celebrou os primeiros contratos de assentamento com os ocupantes do PA, sendo assinados com os pré-assentados, em 25-10-2001.

O processo de desapropriação tramitou na 9.^a vara da justiça Federal, em Goiânia-GO, até o momento que foi homologado o perímetro do PA, e feito o reconhecimento dos posseiros que, na época realizaram termo de acordo e tiveram suas posses indenizadas, com o direito de receberem parcelas de assentamento, observado os critérios técnicos do INCRA, onde estivessem incrustadas suas benfeitorias, fato que não ocorreu conforme o acordo, prejudicando alguns posseiros, termo de acordo realizado em 12 de junho de 2003 e homologado parcialmente no dia 27-09-2004.

Posteriormente ao acordo celebrado o INCRA realizou novos contratos de assentamento com mais algumas famílias e liberou também o crédito fomento alimentação, deu suporte com óleo diesel para mecanização no PA, e insumos para lavoura comunitária que funcionou por três anos consecutivos, até que veio o parcelamento e em função do mesmo desativou a mesma.

O referido parcelamento foi realizado mesmo com o PDA incompleto, bem como as parcelas existentes no PA, algumas são inviáveis para agricultura familiar, sendo alocadas em região montanhosa e outras em áreas de reserva permanente.

Foi feito serviço topográfico por parte do estado com o objetivo de atender o PA. Com energia elétrica, mas, a situação ambiental sempre trouxe prejuízos para o desenvolvimento da região.

Após longos anos de luta por melhorias e políticas públicas, no ano de 2021 o assentamento passou a ter acesso à energia elétrica, e os assentados que moram em locais de difícil acesso foram fornecido placa solar. Já no ano de 2022 foram realizadas visitas técnicas e finalmente regularizados os assentados que estavam com pendências perante ao INCRA, sendo assim a partir de então todos passam a ter acesso ao CCU e aguardando o acesso do título definitivo. Em janeiro de 2023 dentre as 72 famílias apenas 44 tiveram acesso ao título definitivo, os demais seguem em processo de regularização junto ao INCRA para que possam tão logo também receber o tão sonhado título.

FIGURA 2

Chegada ao assentamento.



Fonte: Luana Araujo.

A 50 km de Cavalcante, entre serras e morros, fica localizado o Assentamento Rio Bonito, que antes era chamado de Fazenda Órfãos, sendo esta fazenda antigamente utilizada somente para criação de gado e desmatamento. O local carrega consigo muitas narrativas históricas relacionada a todo o processo de sua constituição, desde antes mesmo de ser a fazenda quando era ainda um local conhecido como terra sem dono, onde havia apenas algumas famílias de posseiros. Aqui contextualizamos o território já a partir das informações coletadas nas entrevistas semiestruturadas desta pesquisa e da leitura das monografias de Winie Vasconcelos (2014), orientada pela Prof. Dra. Regina

Coelly, e de Angela França, do mesmo ano, orientada pelo Prof. Dr. Irineu Tamaio. Ambas as monografias correspondem a trabalhos de conclusão de curso do Bacharelado em Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina.

Segundo relatos dos moradores nascidos e criados no local, o senhor Amador, que virou o fazendeiro do referido local apareceu comprovando ser dono apenas de uma parte da terra, foi a partir daí que começou a grande luta de resistência por permanência por parte dos posseiros. Pois iniciaram-se ameaças e expulsões, os capatazes do fazendeiro usavam de força maior afetando diretamente cada um dos posseiros. Chegavam em suas residências oferecendo pouquíssimo dinheiro por suas terras, os que concordavam com a proposta faziam acordo e os que não aceitavam impulsionavam um grande atrito que gerou muitas consequências, sendo elas até prisão. Os relatos apresentam que o Sr. Amador que virou dono da fazenda era, na verdade, uma espécie de grileiro, pois ele não apresentou nenhuma prova que as terras ocupadas pelos posseiros pertenciam a ele, e no final as fontes apontam que ele passou a exercer domínio como dono das terras.

As pessoas que aceitaram os acordos permaneceram no local trabalhando para o fazendeiro, onde os mesmos trabalhavam em troca de alimentos para subsistência da família. O trabalho era à base de roçado e criação de gado. Até alguns dos posseiros que ali permaneceram, sofreram represálias e foram expulsos e largados na cidade com crianças a mercê, sem nenhum tipo de apoio para moradia ou renda. E, segundo os relatos dos moradores atuais, sem poderem retornar para buscar o que ficou para trás após seu despejo, porque os capatazes da fazenda haviam colocado fogo em seus pertences.

Após muito sofrimento, os posseiros expulsos foram em busca por garantir alguns dos seus direitos. Houve pouco retorno, porém, abriu-se um debate sobre a necessidade da fazenda vir a ser fruto da reforma agrária e por aí seguiu. Aproximadamente em 1996 o INCRA comprou a fazenda e transformou-a criando assim o assentamento Rio Bonito,

rio Bonito como nome dado devido a quantidades de rios existente na comunidade. Com a desapropriação, aproximadamente em 1997 os posseiros que haviam sido expulsos puderam retornar para a terra nativa como donos de suas parcelas. Cabe aqui a ressalva de que o conflito anterior permaneceu: antes da fazenda ser desapropriada, o fazendeiro Amador deu um pedaço de terra para cada uma das pessoas que trabalhavam para ele fazendo o papel de capataz, e ficando assim o INCRA com direito sobre o restante da terra. E essas pessoas que foram presenteadas pelo fazendeiro com um pedaço de terra permaneceram no local e acessaram também um lote da reforma agrária ficando assim em destaque com um espaço maior em comparação aos demais assentados.

De acordo com França, “desde sua implantação, o assentamento encontra-se ainda em estágio de instalação. Isto quer dizer que precisa vencer algumas etapas no processo de classificação de Projeto de Assentamento (PA) para os moradores terem direito à titularidade da terra” (2014, p. 15). O assentamento é composto por 72 famílias, dentre essas famílias há pessoas nativas do local e de várias regiões que vieram em busca por melhores condições de vida.

No local atualmente existe uma grande variedade de árvores nativas tais como sucupira, pau brasil, pau de óleo, pereira, jequitibá, moreira, cedro, jacarandá, canjerana, babaçu, macaúba, palmito, coquinho piaçaba, angico, ipê, maria preta, ingá, e existem também muitas ervas medicinais. Na região existem vários animais silvestres como paca, cutia, macaco, veado, tatu, gamba, tiú, arara, maritaca, periquito, passo preto, entre outros.

A característica da terra é argilosa, compactada, a cor varia de local para local, tem lugar que é preta, lugar que é vermelha, outros lugares que é branca. A terra tem muita matéria orgânica presente, há rochas cristalizadas, porém os assentados não fazem uso delas. O indicativo de solo de boa qualidade é a plantação viçosa, com boa produção sem uso de adubo químico, sendo as plantas utilizadas para observar a qualidade do solo local são banana, cana, mandioca, batata, entre outras.

Com relação ao clima ele é muito variado, hora quente demais, hora muito frio. Costuma chover em outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março, o restante dos meses costuma ser de sol. No Assentamento Rio Bonito há várias fontes de água, tais como riacho, barragens, os rios Palmital e Bonito, todos com água de excelente qualidade. Há algumas rochas como manganês, toa, pedra ferro, cristal e ametista. No local costuma ter garimpo de cristal e manganês.

Os meios de transporte utilizados pelos assentados são pau de arara, moto, cavalo e alguns possuem carro próprio. As estradas e pontes do assentamento até a cidade mais próxima, Cavalcante, se encontram em péssimas condições. No Assentamento Rio Bonito temos poucas alternativas de lazer, mas existem algumas festas tradicionais tais como Folia de Reis, Folia de São Sebastião, Divino, entre outras, que são realizadas nos meses de janeiro, julho e setembro.

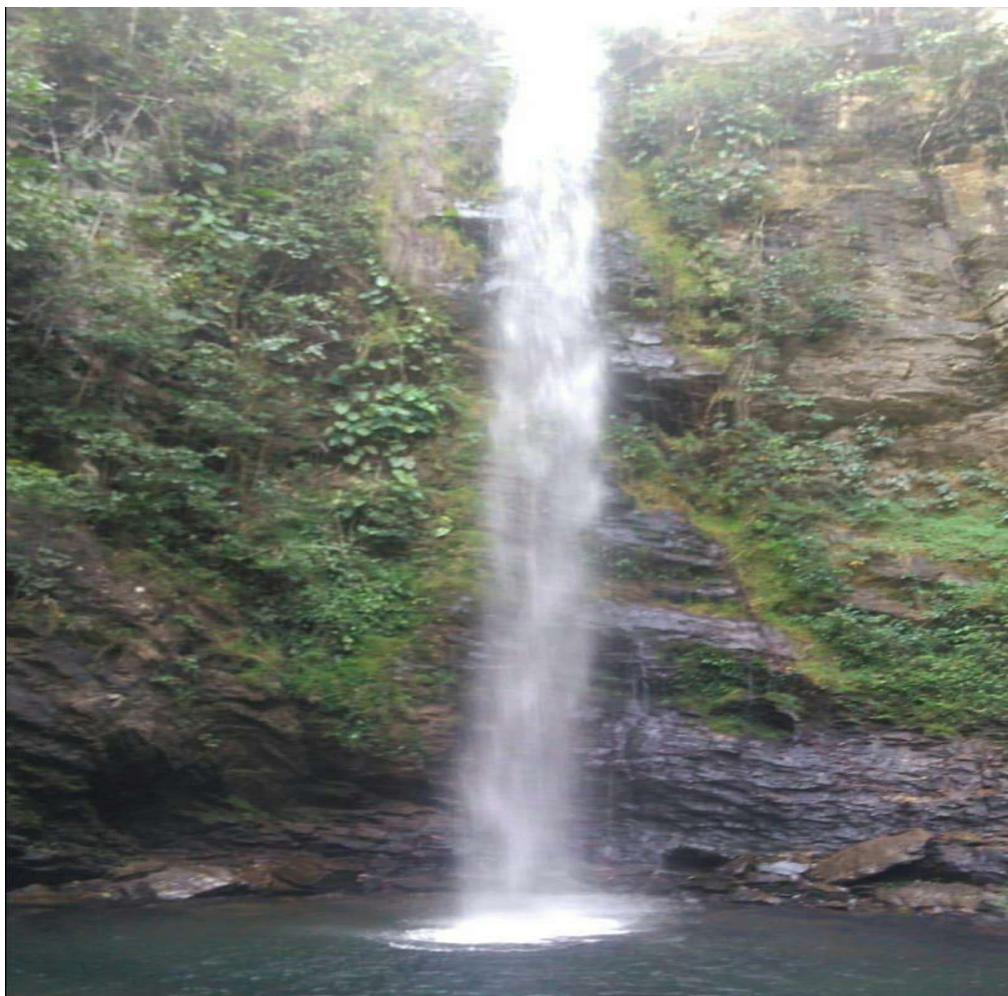
Como afirmado acima, a terra ainda é de posse do INCRA e os assentados possuem apenas um contrato. O uso da terra se dá através de hortas com sementes crioulas e transgênica e são utilizadas como instrumentos/máquinas de cultivo a matraca, o trator, o tobata, o cultivador, a enxada, a roçadeira, a foice, entre outros, que são operados pelos assentados. A produção vai para o consumo básico e comercializado entre assentados e a cidade vizinha. Os insumos utilizados são adubos de galinha e de gado, os defensivos naturais usados são a folha de pimenta e mamona e também é utilizado agrotóxicos. No assentamento é feita a coleta de frutas nativas e de ervas medicinais. Os animais criados são gado de corte, galinha e porco, criação de forma natural e solta.

Vemos, portanto, toda uma riqueza local com relação à água e à terra. Por outro lado, o assentamento ainda é muito carente quanto à lazer, educação, pontes e estradas de qualidade. Há necessidade de uma assistência médica continuada dando atenção às famílias, pois de nada adianta toda riqueza e qualidade local se não houver incentivos com qualidade de vida. O assentamento é uma ótima opção para adquirir alimentos

orgânicos com qualidade, e também um local para descanso, pois há água cristalina, várias nascentes e até mesmo cachoeiras ao pé da serra.

FIGURA 3

Cachoeira no assentamento.



Fonte: Luana Araujo.

FIGURA 4

Cachoeira na época de chuva à esquerda, e na época de seca à direita.



Fonte: Luana Araújo.

FIGURA 5

Escola, Rio Bonito e Igreja evangélica situados no assentamento



Fonte: Luana Araujo

1.1 Cultura Local

No assentamento Rio Bonito a religiosidade é muito forte, e essa cultura de folia e rezas permaneceram no decorrer dos anos. No mês de Janeiro é realizado a folia de Santos Reis, em julho a folia de São Sebastião e em setembro a folia de Nossa Senhora do Livramento. No entanto, somente a folia de Santos Reis é cultura local, as demais são cultura local de comunidades que fazem divisa com o assentamento Rio Bonito e no período que são realizadas passam pelo assentamento e os assentados fazem parte da realização.

Já as rezas são realizadas em 08 de dezembro Nossa senhora da Conceição, 13 de dezembro Santa Luzia e em abril, semana Santa.

FIGURA 6

Folia de São Sebastião no Assentamento Rio Bonito.



Fonte: Luana Araujo

FIGURA 7

Folia de Santos Reis no Sítio Tombador.



Fonte: Luana Araujo

FIGURA 8

Arremato de Folia de Santos Reis no Sítio Tombador.



Fonte: Luana Araujo

Como ressalta a pesquisadora Maria Lucia Godinho, é muito importante “registrar os gêneros discursivos que circulam na folia de São Sebastião, onde os foliões usam o gênero da oralidade com a função de transmitir uma mensagem para as pessoas” (2017, p. 26). Sendo assim, neste tópico de nossa pesquisa, apresentamos abaixo as rezas compiladas no Assentamento Rio Bonito.

Início de Rezas

Fonte: Brígida e Eva, assentadas.

1º Sinal da cruz

2º

Creio em Deus pai todo poderoso criador do céu e da terra e em Jesus Cristo seu único filho nosso senhor.

Que foi concebido com o poder do Espírito Santo.

Nasceu da Virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos.

Foi crucificado, morto e sepultado, desceu a mansão dos mortos.

Ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu.

Está sentado à direita de Deus pai todo poderoso.

Donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Crei no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos.

Na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna, amem.

3º

Virgem Santíssima, vos não permitais que eu viva nem morra por pecado mortal.

Pecado mortal que não é de morrer, que a Virgem Santíssima nos ai de valer.

Nós ai de valer pelo seu amor, rainha dos anjos e do céu resplendor.

Do céu resplendor e do mundo só luzes, rogai soberana por nosso Jesus.

Por nosso Jesus que pedimos cada hora para que nós queira receber na glória.

Receber na glória e o nosso pecado por ela nos dar imenso seu louvor.

Imenso seu louvor que avemos de dar o verbo divino quando nos salvar.

Quando nos salvar, pensemos a Deus também que nos dei glória sempre, amem.

Para sempre amem todas horas do dia louvemos a Deus e a Virgem Maria.

A Virgem Maria e um Deus quem nos cria criando no peito da Virgem Maria.

A Virgem Maria por nós está rogando os anjos benditos também ajudados.

4º

Deus vos salve mãe de Deus pai.

Deus vos salve mãe de Deus filho.

Deus vos salve Maria esposa do Espírito Santo.

Deus vos salve templo da Sacerdotia e da Santíssima Trindade.

Dona Dijotório no intendo.

Dona de Joana e Foritina.

Gloria do pai, do filho, e do espirito Santo.
 Se pederá nos princípios é de nunca em sempre é de século secrio amem.

5º Ladainha

Kirieleizone

Quiestelezone

Cristo audinos

Mezerenobre.

Pátria de celes Deus filhos.

Redentor, mãe de deus espirito Santo Deus.

Orasporobres.

Santa Maria, Santa Dejena em cristo.

Santa o virgada, o virgino orasporobres.

Materem criste, materem divina graça, materem poressima orasporobres.

Materem castíssima, materem em violata,

Materem em termerata,

Orasporobres.

Materem amabeles, materem admirabiles,

Materem bom conselho,

Orasporobres.

Materem criatorium,

Materem ensalvatorium,

Virgo prodentissima,

Orasporobres.

Virgo a veneranda,

Virgo a pé de canda,

Virgo a poténs orasporobres.

Virgo o creme,

Virgo o fidelico,

Espeque na justiça orasporobres.

Sedes sapiência,

casa mova estrela triste vos esperital,

Orasporobres.

Vós amorabeles,

Vosse em signa de vosso hino,

Voz oramistica orasporobres.

Torrés da Vistica,

Torres e Bunil,

Dormes nos aries,
 Oraspor nobres.
 Sedes és arcas,
 Já no anceles,
 Estrela matutina,
 Oraspor nobres.
 Solos infermores,
 Refugiam precatório,
 Consolas nossos afritorios,
 Oraspor nobres.
 Auxilio costionorio,
 Regina angelorio,
 Regina atriacariem,
 Oraspor nobres.
 Regina profetarium,
 Regina postotorium,
 Regina martinum,
 Oraspor nobres.
 Regina confessorium,
 Regina virgens,
 Regina saixta ruana,
 Oraspor nobres.
 Maculada conciecion
 Sacatissima do meu ruzario
 Ai quem nos Deus
 Oraspor nobres.
 Ai quem nos Deus
 Que tantos pecados e mundem praçê nos domines
 Mizerenobres.

6º Salve Rainha

Salve rainha mãe da misericórdia, vida, doçura e esperança nossa.

Salve a vós bradamos os degradados filhos de Eva a vós suspirando, gemendo e chorando.

Neste vale de lágrimas eia pois senhora advogada nossa destes vossos olhos misericórdias a nós volvei.

E depois deste desterro mostrai-nos Jesus bendito o fruto do vosso ventre ó clemente.
 Ó piedosa a doce da sempre Virgem Maria rogai por nós Santa Mãe de Deus.

Para que sejamos dignos das promessas de Cristo,
Amém.

7º oferecimento do pai nosso e da ladainha.

8º Bendito da Conceição

Levantei de madrugada fui haver a Conceição, encontrei nossa senhora com o seu livinho na mão.

Eu pedi ela uma folhinha me disse que não, eu tornei vós a pedi ela me deu seu cordão.

O cordão é tão comprido, que me dava sete volta ao redor do coração.

O meu padrinho São Francisco me desata esse cordão nossa senhora morou com sua sagrada mão.

Numa ponta tem São Pedro e na outra tem São João, nos meio tem um letreiro da virgem da conceição.

Nas horas de Deus amem, fizemos o sinal da cruz, pai, filho, espírito santo para sempre amem Jesus.

9º Senhor Deus misericordioso

10º Bendito Senhor do Livramento

Bendito louvado seja o santíssimo sacramento, bendito louvado seja senhora do livramento, quase que o mundo acabava no dia de lua cheia, quase que o mundo acabava aterrava em areia.

O povo não acredita na senhora da Badia foi avalença do povo foi chamar a virgem Maria.

Nossa senhora mandou cá na terra violeta pra reza uma salve rainha por anjos cantar.

O povo enquanto é vivo não lembra da salvação só lembra é da riqueza não pede a Deus perdão.

Frei Biaque estava lendo de lendo pegou a chorar só de ver os macebados no inferno foi parar.

Frei Biaque nos deixou três pé de erva plantado o terço a boca da noite e ofício de madrugada.

Frei Biaque nos deixou no coração de Maria o terço a boca da noite salve rainha meio dia.

Frei Biaque nos deixou no coração de Jesus pra cumprir as orações lá no pé da santa cruz.

Quem reza quinze mistério no seu ruzario tem de fechar a porta do inferno para todo sempre amem.

11º Bendito de Santa Luzia

Bendito louvado seja aqui está santa Luzia, está pedindo sua esmola pra festeja-lo o seu dia.

O Luzia por Luzia, entre José e Maria, já era selva de Deus senhora Santa Luzia.

No tempo que andei errado, com tamanha desmazia, procurei o vosso amparo senhora Santa Luzia, era um cego penitente que bateu nas portarias, nós somos cegos das vistas, senhora Santa Luzia.

Mas que tesouro tão fino que no mundo não havia, as pontas com que furaram, os olhos de Santa Luzia.

Santa Luzia já está com seus olhinhos na mão está pedindo a Jesus Cristo, tenha de nós a compaixão.

Santa Luzia já está com seus joelhos chagados, está pedindo a Jesus cristo tenha de nos piedade.

Quem nasceu cego das vistas que dela não se lucrou, não sente tanto em ser cego como quem vendo cegou.

Vos ofereço este bendito pela santa deste dia, intenção de Santa Luzia e o coração de Maria.

12º Bendito de São Pedro

Bendito louvado seja São Pedro no seu altar na hora da nossa morte meu Jesus São Pedro vem nos Buscar.

Entremos e entraremos nessa casa de alegria onde mora o nosso Deus, meu Jesus São Pedro, José e Maria.

Minha gente venha a ver o milagre que Deus obrou um homem que estava morto, meu Jesus depois de morto falou.

Minha gente vem haver o espelho que Deus mostrou um homem morto padre Santo meu Jesus também se levantou.

Alevanta pecadores que sou pecadores também, a virgem mãe do socorro meu Jesus não desempareis ninguém.

Oferecemos este bendito São Pedro no seu altar na hora da nossa morte meu Jesus São Pedro vem nos salvar.

13º ABC Divino

E esse ABC divino e foi feito com fundamento e considera as nossas culpa e suspenda meus pensamentos.

E a minha alma se bem soubera e subira no reino da gloria e a morte paixão de cristo e a dor de nossa senhora.

E a lançada em vos dia e São Luguinho com suas mãos estre passou Jesus no peito e Maria no coração.

E grade dos teve, a senhora e dentro do seu coração é de ver seu filho morto que de uma cruz caiu no chão.

E a estrela do senhor e já vem como temor, já estamos no fim da reza e misericórdia é o senhor.

E misericórdia eu vos peço e esses grandes pecadores agora peço também é que nos dei eterna gloria e nas horas de Deus amem,

14º Divino

Divino espirito santo, hoje veio me visitar, também veio pedir esmola pra quem for servido da.

Pra quem for servido da esmola por caridade para repartir com os filhos na maior necessidade.

Quem quiser saber de certo que é o espirito santo numa pombinha em silêncio toda vestida de branco.

Toda vestida de branco tem os pés e o biquinho vermelho e uma das três pessoas e um só Deus verdadeiro.

E um só deus verdadeiro e primo de jesus cristo vamos todos abraçado com o fogo da mãe de deus.

E vem o solo saindo com licença peço o senhor vem saindo com o seu raio todo cheio de resplendor.

Divino espirito santo divino consolador, consolar a nossa alma quando deste mundo for.

Quando deste mundo for irei com muita alegria os anjos vai nos levar nos pés virgem Maria.

Nos pés da virgem maria onde está jesus também, bendito louvado seja para todo sempre amem.

15º Virgem do Rosário

Virgem do rosário deus fez uma rosa entre as outras flores sois a mais formosa.

Sois a mais formosa mais clara em que o dia cercada de luz da virgem maria.

A virgem maria já está colocada lá junto com Deus no trondo assentada.

No trondo assentado do menino emperio quem nos deu poderes foi o pai eterno.

Foi o pai eterno graça ele achou no seu vento puro logo ele encarnou.

Logo ele encarnou nas puras entranhas no verbo divino a Jesus menino.
 A Jesus menino quando ele nasceu logo o mundo todo de luz se encheu.
 De luz se encheu para o nosso bem leva nós a gloria para sempre amem.
 Viva é reviva senhor são Joaquim, são José e Santana, senhor do Bonfim.
 Senhor do Bonfim vos olhai para mim na vida e na morte vos lembrai de mim.
 Quem quiser ver Jesus com muita alegria reza um pai nosso e uma ave Maria.
 Reza um pai nosso para o nosso bem, leva nós a gloria para sempre amem.

16º marte São Sebastião

Bendito louvado seja amarte São Sebastião nos livrai meu deus da peste tenha de nos compaixão.

O povo tão se acabano o que dor no coração, uns com as mãos pela cabeça, outras prostada no chão.

Amarte São Sebastião pela cruz que traz na mão nem de fome nem de sede vos não matais seus filhos não.

Amarte São Sebastião é um santo milagroso nos livrai de peste, guerra o meu santíssimo meu senhor.

Santo Deus e Santos fortes, santos vivos e os mortais nos livrai meu deus da peste nos livrai de todo mal.

Nos todos devemos ter uma grande devoção para festejar de sempre amando São Sebastião.

Vós ofereço este bendito pra amarte São Sebastião que nos dei um bom inverno tenha de nos compaixão.

17º Divino José

Divino José meu Santo de todos que da mãe de Deus vos sois meu santo esposo.

Vos sois meu santo esposo daquela senhora mais bela em que o dia mais clara em que horora.

Mais clara em que horora também sois meu santo que por Jesus Cristo alcança esse instante.

Alcança esse instante de Deus o amor seu pai é prestativo do mesmo senhor.

Do mesmo senhor eu adoro a cruz que nela morreu meu amado Jesus.

Meu amado Jesus do meu coração dos erros que eu faço eu vos peço perdão.

Eu vos peço a Deus perdão pela flore em que nasceu e a hóstia consagrada e a cruz em que morreu.

Antes de morrer farei meu testamento entrego a Deus minha alma e o divino sacramento.

Eu entrego meu Jesus soberano o reino da gloria para que pessemos senhor Deus misericórdia.

Senhor Deus misericórdia, misericórdia senhor misericórdia, vos peço somos grande pecadores.

São roques bendito de jesus querido livrai-nos de fome, peste, guerra e de todo o perigo.

Senhora Santana como mãe valei na hora da morte Santana socorrei.

Bendito louvado seja esse nosso oferecimento bendito louvado seja o santíssimo sacramento.

18º Bendito São Francisco

Bendito louvado seja o santíssimo sacramento eu não tenho nada senhor só tenho o que vos me desse.

Eu tinha meu São Francisco na cabeceira da cama levanta meu são Francisco levanta e sende a candeia.

Pra lumia a escada do céu que nela eu quero subir.

Deus subiu por um fio de linha e eu desce pelo cordão.

La no trono meu divino peguei um jogo com Deus.

Ele jogou ganhou minha alma e eu ganhei o paraíso.

A mulher Santa Veronica recostada no carvalho, chorando pelo seu filho que morreu crucificados.

Meu divino, meu divino meu divino lá da gloria.

Para que pessemos todos senhor deus misericórdia.

Misericórdia vos peço misericórdia ao senhor.

Misericórdia vos peço somos grandes pecadores.

Somo grandes pecadores agora peço também

Que nos dei o céu e a gloria para todo o sempre amem.

Outro aspecto importante da cultura local é o que chamamos de cultura da superstição. Os assentados possuem saberes e crenças que perpassam de geração em geração, e são esses saberes que eles seguem no decorrer dos dias, tanto a respeito de

plantações ou de acontecimentos da natureza. Um exemplo é o pássaro acauã cantando e a beija-flor preta entrando dentro de casa, sendo que ambos significam que alguém próximo irá morrer. Mais exemplos:

- Rã, perereca e sapo cantando significa início das chuvas;
- Grilo e cigarra cantando significa chuva;
- Anu branco cantando significa tempestade;
- Orvalho caindo significa frio;
- Corujinha caburé e rolinha trocal cantando significa sol e frio;
- Picumã (fuligem) caindo significa sol.

Já com relação a fase da lua, temos outras crenças populares: a lua cheia, nos meses de abril ou maio, marca a época de plantar feijão, alho, cebolinha, e produção de raiz, pois, planta na lua cheia e nasce na minguante. Por sua vez, a lua minguante marca a época de cortar madeira, pois não caruncha devido a mesma ter pouca água. E a lua nova traz a época de plantar arroz, cana, produção com folhagem, pois ficam viçosas.

As receitas medicinais compõem nossa cultura local, tendo como exemplo a farmácia caseira. É parte da nossa cultura, ancestralidade, saberes, resistência e ousadia. Um exemplo é a “queimada para gripe”, um remédio feito com uma chama em um prato com pinga “brejeira” e itens que combatem a gripe: vai alho amassado, gengibre, casaca de laranja e raiz de fedegoso amassada e cachaça 51 até cobrir. Com muito cuidado, colocar o fogo com um isqueiro e misturar lentamente até o fogo apagar, coar e beber. E se recomenda tomar a noite, pois é muito quente e devido a isso após uso não deve pegar friagem.

FIGURA 9

Queimada para gripe.



Fonte: Luana Araujo

Assim como a queimada, temos diversas receitas medicinais comuns em nosso território. Abaixo, a título de exemplo de nossa cultura local, descrevemos três receitas com imagens ilustrativas:

- Pílula de babosa para intestino preso

Corte a folha de babosa e coloque para escorrer dentro de uma vasilha o líquido amarelo que solta da folha. Em seguida rache a folha ao meio e raspe a gosma que ela possui. Após isso, misture farinha de trigo aos poucos até dar o ponto de enrolar as pílulas, feito isso modele-as e coloque para secar.

Pode tomar diariamente.

FIGURA 10

Babosa.



Fonte: Luana Araujo

- Chá de folha de lima para pressão alta

Tire algumas folhas do pé de lima, lave e coloque para ferver com um pouco de água, tome aos poucos. Feito isso logo a pressão ficará controlada. Além da folha, a fruta lima também ajuda no controle da pressão.

FIGURA 11

Folha e fruta lima.



Fonte: Luana Araujo

- Chá do cipó cabeludo para os rins

Tire algumas folhas, lave e coloque para ferver. Em seguida tome, pode ser frio ou morno. O papel principal desse chá é tirar as impurezas dos rins.

FIGURA 12

Cipó cabeludo.



Fonte: Luana Araujo

1.2- Experiência com produção orgânica e agroecologia na parcela de número 55

Agricultura familiar, quem não vive dela depende dela para viver.

O assentamento Rio Bonito é de terra fértil e fartura em água, mas infelizmente aproximadamente apenas 50% dos assentados produzem sem o uso de agrotóxico. Isso é uma grande preocupação para os assentados que trabalham com orgânicos e agroecologia, pois suas parcelas acabam sendo cercadas por parcelas com uso

inconsciente de defensivos agrícolas, o que acaba acarretando na poluição das nascentes, terra e ar.

Como exemplo de produção orgânica e agroecologia, a experiência da parcela 55 dos agricultores Geraldo Dias e Eliene Freitas, meus pais, assentados desde novembro de 1998.

Sempre trabalharam em regime de agricultura familiar com uso consciente do solo, e a partir de vários processos formativos, aderiram definitivamente a metodologia de trabalho com princípios agroecológico, onde o mesmo iniciou com a construção de uma pequena agrofloresta com mudas de laranja, lima, goiaba, jabuticaba, café, limão siciliano, limão taiti limão galego, laranja kikan, laranja cristal, laranja comum, mexerica ponkan, mexerica cravo, eucalipto, batata doce, inhame, cara, açafraão, pitaya, banana e guariroba, que deu muito certo. Hortaliças diversas e plantio de forma irrigada para que possa garantir uma produção no decorrer do ano todo.

Passou a aderir o plantio da agricultura em formato de rodizio do solo para o que mesmo pudesse descansar entre uma plantação e outra, onde, se produz de tudo um pouco, arroz, feijão, amendoim, mandioca, cana, melancia, mamão, melão, entre outras.

Como uso consciente do solo, produz de forma 100% natural cuidando, preservando e recuperando áreas degradadas.

Toda a produção gera várias possibilidades aos agricultores, pois, através da produção é possível produzir doce de banana, banana desidratada, rapadura, tijolo, melaço, açúcar mascavo, açúcar de giranda, garapa, farinha de mandioca, polvilho, doce de amendoim, conservas de pimentas, conservas de jurubeba, queijo, requeijão, doce de leite, coalhada, manteiga de leite, molho de tomate, polpa de fruta, licor de jabuticaba e assim fazendo um aproveitamento de 100% da produção da parcela.

Na parcela é possível obter variedades tanto na agricultura quanto na criação de animais, no lote 55 por exemplo à suínos, bovinos, equino e peixes.

Devido a diversidade do lote e multiplicidade da natureza fez com que migrasse vários animais para os arredores, sendo eles, macacos, micos, e diversos pássaros, além de vários enxames de abelhas que começaram a se alocar na propriedade, inclusive em locais impróprios como exemplo área da casa, com isso os agricultores Geraldo e Eliene resolveram aumentar a criação de apicultura na propriedade, espalhando caixas nas áreas de reservas e capturando aquelas em locais improváveis e realocando para locais seguros. Devido a diversidade frutífera e nativa no local, proporciona uma produção de mel considerada grande, e melhor de tudo, mel puro e orgânico. Dado a todo esse processo de cuidado com a parcela, foi feito um reflorestamento as margens do rio Bonito na área que circula o lote, onde foram plantadas várias mudas de manga, jaca, ingá, inhame, açafraão, cara, e bambu, fazendo com que através do plantio criasse-se uma barreira protegendo o rio e também a parcela em si com a produção.

FIGURA 13

Entrada da parcela 55



Fonte: Luana Araujo

FIGURA 14

Casa e quintal da parcela 55.



Fonte Luana Araujo

Devido a uma produção diversificada e saudável, surgiu a oportunidade de escoar parte da produção para o CSA de Cavalcante. Associação que desde o início das cestas com produtos da agricultura familiar vem dando apoio com mão de obra, escoamento da produção e disponibilizando alguns equipamentos que facilita o trabalho com a produção.

CSA Cavalcante reúne os valores centrais e os princípios que orientam os esforços da articulação que visa diminuir a distância entre produtoras/es e consumidoras/es, gerando benefícios permanentes e estruturais a ambos. Para alcançar os objetivos de transformar substancialmente as atuais relações de produção e consumo, construindo uma realidade mais justa, amigável e igualitária, todas/os participantes desta iniciativa estão de acordo, respeitam e propagam os seguintes princípios: A/O consumidor/a assume o papel de coprodutor/a ou co-agricultor/a, uma vez que participa da produção ao cotizar mensalmente um orçamento acordado de forma coletiva,

assumindo os riscos e benefícios da produção agrícola. Para a/o produtor/a isso representa um grande apoio, sendo que geralmente assume os riscos sozinha/o; para a/o co-produtor/a é uma oportunidade de conhecer melhor de onde vem seu alimento, participar de forma mais ativa da produção e criar vínculos mais profundos e responsáveis com aquela/e que produz o alimento que chega a sua mesa e garantir o cuidado com a terra em todas as etapas do processo.

CSA, no fundo, trabalha com relações humanas; ela é uma escultura social. Portanto, pretendemos que o foco das atenções passe do produto àquela/e que o produz, valorizando prioritariamente sujeitas/os e agentes da produção, numa lógica inversa a do sistema capitalista, onde o valor está apenas na mercadoria, e não em quem a produz. Desta maneira, concordamos que o bem-estar prioritário é o da/o produtor/a, e a saúde e satisfação dela/e precisam estar em primeiro plano. A/o produtor/a, por sua parte, tem como prioridade oferecer os produtos na conformidade definida pela coletividade: na variedade, qualidade e sazonalidade estabelecida e acordada.

A produção é totalmente agroecológica e há o compromisso do aperfeiçoamento constante nos métodos de produção, propiciando sempre melhores safras. Os produtos serão sempre entregues nas datas combinadas e em boas condições, salvo exceções e casos extremos de intempéries climáticas, ataque de pragas, ou outros. Todas/os as/os participantes entendem que estão protagonizando um método relativamente novo de relação entre produtoras/es e co-produtoras/es, e estão dispostos a tolerar eventuais dificuldades que venham a surgir em quaisquer situações. Haverá tolerância principalmente no sentido de compreender que o ritmo que se pretende estimular não é o ritmo da grande indústria de alimentos e que a sazonalidade cria condições distintas à produção agrícola: dessa forma, entendemos que talvez não possamos ter tomates na mesa o ano todo, e que certas frutas estarão disponíveis apenas em algumas épocas.

Todo o trabalho necessário para que a CSA exista e funcione é realizado pelo coletivo de produtoras/es e co-produtoras/es. As atividades como gestão financeira,

contato com produtoras/es, montagem das cestas, entre outras, são realizadas pelos GTs (grupos de trabalho) específicos. Estes GTs são compostos por membros do CSA em sistema rotativo, para que todas/os possam contribuir de acordo com suas possibilidades. Em alguns casos, em que não haja disponibilidade para contribuir com o coletivo diretamente, a/o co-produtor/a poderá optar por contribuir financeiramente com qualquer quantia para ajudar a cobrir os custos de mutirões e/ou outras atividades extras realizadas pela CSA.

A maneira como se produz é outro ponto fundamental para a CSA, não aceita modelos que sejam nocivos ao ser humano e ao entorno, que sejam insustentáveis e injustos. Por isso, é uma condição p etra para participação que aqueles que produzem entendam a importância de visar a recuperação e a saúde da terra, para além da colheita de produtos.

FIGURA 15

Parte da produção semanal da cesta: feijão, massa de mandioca e melaço de cana.



. Fonte: Luana Araujo

FIGURA 16

Cesta de produtos e produção de gengibre em pó.



Fonte Luana Araujo

Cabe ressaltar que no assentamento há 80 parcelas, dentre essas parcelas oito são de reserva ambiental e 72 disponíveis, onde as mesmas já se encontram todas ocupadas.

O modo de produção local se dá a partir de banco de sementes crioulas, dentre as 72 famílias assentadas há algumas que se destacam como guardiões de sementes. São eles o senhor Geraldo lote 55, a senhora Hermana lote 22, o senhor Valdemar lote 52, e o senhor Jovi lote 39.

FIGURA 17

Árvore genealógica da família Araujo, produzida com sementes crioulas no componente Pesquisa e Memória 2.



Fonte: Luana Araujo

Capítulo 2 – Referencial teórico

Nesta parte do trabalho colocamos apontamentos que compõem o capítulo de referencial teórico. Apresentamos os temas em três tópicos: História Oral; Documentário como gênero audiovisual e Assentamentos; Agricultura Camponesa e Agroecologia.

História Oral

A história oral tem papel fundamental na construção da memória do território em questão, pois é a partir da oralidade que vai se dando fundamentos na memória local, e a partir das narrativas vivenciadas e sua oralidade que vai se construindo a memória local e sua identidade. Neste sentido, início o referencial teórico trazendo aspectos relevantes em torno da história oral, oralidade e entrevista. De acordo com Alberti, “a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita” (ALBERTI, 2000, p. 1).

História oral é uma forma que temos em ter acesso a narrativas diversas, é através das oralidades que obtemos informações a partir de vivências. A oralidade é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjuntas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea.

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. (PORTELLI, 1997, p. 9).

As entrevistas de história oral são tomadas como fonte para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. O trabalho

com a metodologia de história oral compreende todo um conjunto de atividade anteriores e posteriores, à gravação dos depoimentos exige antes a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas.

Atualmente, a história oral é uma metodologia claramente multidisciplinar, praticada por historiadores, antropólogos, sociólogos, folclorista, cientistas políticos, educadores e psicólogos, entre outros. Ela se presta a interesses acadêmicos, pedagógicos, arquivísticos e terapêutico. (ALBERTI, 2000, p.2).

A base da história oral pode ser o depoimento gravado, tendo três elementos constituindo condições mínimas da história oral são: o entrevistador, que pode ser mais de um, e aparelhos de gravação podendo usar som imagem, ou filmagem. Com isso a história oral vem crescendo em todo o mundo, guardando lembranças que muitas das vezes eram apagadas. A história oral, ela tem o propósito de nós ajudar a construir nossa memória, registrar, e assim resgatar até mesmo o que poderia já ter perdido. Como por exemplo temos uma história oral registrada, como caderno de rezas, assim possibilitando o resgate e ensinamento aos mais novos. Como também em nossas pesquisas em trabalhos de monografias que inclui a realidade da comunidade.

Cabe lembrar que os camponeses, ao produzir na terra, estabelecem um conjunto de relação sociais. A história oral tem papel fundamental na construção da memória dos territórios camponeses, pois é a partir da oralidade que vai se dando fundamentos na memória local. É a partir das narrativas vivenciadas e sua oralidade que vai se construindo a memória local. Nesse aspecto, a história oral propõe registrar e, portanto, propagar impressões, vivências, lembranças dos indivíduos que intenciona a socialização de sua memória com a coletividade é dessa forma apresentam um conhecimento da experiência repleto de diferentes situações.

Para que não esquecessem das suas histórias os camponeses usaram a história oral para construção de suas histórias de vida e lutas para que não fossem esquecidas. O território camponês e uma grande história oral, eles falam de suas lutas pelas as terras

e suas paixões pelo campo. A história oral e suas narrativas tem papel fundamental na construção das memórias dos territórios, é a partir dessas narrativas que vão preservando a cultura, os saberes e fazeres das comunidades e as lutas e resistências e assim passando adiante informação entorno da memória construtiva local e assim mantendo as narrativas diversas para que não se perca com o passar de geração em geração.

Por isso a importância de relatar as narrativas e documentar as mesmas pois os anos vão se passando e as histórias, memórias vão se perdendo, na medida que os ancestrais vão morrendo e a nova geração surgindo vão se construindo novas identidades, métodos de trabalhos e reconstruído a cultura local, com isso surge a necessidade de documentar essas narrativas para que esse material sirva de troca de saberes entre os mais velho e à nova geração e assim mantendo a cultura local e seus saberes ancestrais. Como ressalta Alberti, “a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado” (ALBERTI, 2000, p.2).

Como já foi dito, as narrativas orais são narrativas de memórias. Por isso, precisamos ser mais cautelosos ao lidar com as fontes orais, buscando entender o que tais memórias representam para o entrevistado é como elas estão sendo reconstruídas e internalizadas no momento da entrevista. A história oral produz narrativas orais, que são narrativas de memórias. Essas, por sua vez são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade.

A história oral podemos considerar como um método de recurso moderno para relembrar o que foi vivido por pessoas mais velhas. A história oral são registros feitos por entrevistas usando fala e transformando em escritas, as trajetórias de vida e história das nossas comunidades.

A história oral é um dos principais pontos que fundamentam e incorporam o documentário, pois nele conterà narrativas expressas sobre a realidade vivida por um povo antes posseiros e hoje assentados pela reforma agrária.

Documentário como gênero audiovisual

Como metodologia de produzir arquivos representando as narrativas do assentamento Rio Bonito escolhi o documentário, trago aqui pontos referentes que nos apresenta o que é o documentário e a importância que a produção do mesmo representa.

Em 1948 a World Union Of Documentary, definiu o documentário como todo método de registro em celuloide de qualquer aspecto da realidade interpretada tanto por filmagem factual quanto por reconstituição sincera e justificável, de modo a apelar seja para a razão ou emoção, com o objetivo de estimular o desejo e ampliação do conhecimento e das relações humanas, e como colocar também verdadeiramente os problemas e suas soluções nas esferas das relações econômicas, culturais, e humanas.

Bill Nichols, por sua vez, ressalta “que todo filme é um documentário e que poderia dizer dois tipos de filme, o de satisfação de desejo, que é representado através de ficção e o de representação social que é o inverso do de ficção, pois ele representa detalhes concretos de um mundo em que vivemos” (2005, p.26).

Os documentários não são a representação da realidade e sim representação do mundo em que vivemos e através dele nos instiga a pensar sobre um determinado tema ou causa, e as suas práticas mudam de acordo com a realidade e a necessidade e é utilizado como forma de expressão de um determinado tema, questão social ou narrativa.

Silvio Da-Rin (2004, p. 15 à 21) cita que essa representação se desenvolve na forma de um argumento sobre o mundo, o que pressupõe uma perspectiva, um ponto de vista, ou seja, uma modalidade de organização do material que o filme apresenta ao telespectador. Conforme Nichols, “afirma que, os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam apenas um conjunto de questões, não apresentam

apenas um conjunto de formas e estilos. Nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam.” (2005, p.48)

Existem várias as formas de documentário, onde é inventariado a partir de narrativas, vivências, história, memória, ou seja documentário registra a vida de modo amplo, as ações e as histórias, é através dele que representa diversas histórias sendo contada a partir de pessoas que viveram e construíram as narrativas ou por aqueles que tem conhecimento sobre as mesmas e é utilizado como sujeito de representação e a forma que essas representações aparece pode ser de várias formas à depender do contexto local. Documentário é uma representação de mundo, ou seja, através dele é apresentado a visão de uma determinada realidade dando a ele voz própria onde essa voz pode ter um sentido de defender uma causa, transmitir um ponto de vista ou apresentar um argumento, essa voz é compreendida a partir da forma que as questões do documentário são apresentadas, a lógica e a ideia dos temas em questão.

Os documentários abordam conceitos específicos onde há um interesse social ou debate sob o tema e a necessidade do mesmo ser abordado, ou seja, fazendo assim com que desperte o interesse sob o trabalho em questão apresentado levando a aprofundar e debater questões diversas, e é isso que dá ao gênero documentário sua particularidade pois representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições através de imagens, vídeos que detalham as narrativas.

Nichols (2005, p. 135) traz “seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.” Neles, os atores sociais de um documentário poético tem a mesma importância na estrutura geral do filme que os demais elementos, animais, paisagens, objetos, etc. Vejamos os modos elencados pelo autor:

Expositivo é aquele que retrata um acontecimento ressaltando fatos para o que está sendo apresentado expressando através de palavras verbalizadas, ele agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética e dirige diretamente ao telespectador com legenda ou vozes que propõe uma perspectiva, expõe um argumento ou recontam a história.

Participativo é aquele que através das entrevistas há uma grande participação direta entre as narrativas onde mostra a realidade do tema em questão, exemplos uma entrevista, diálogo.

Observativo é representado através de temas de interesse social que é dialogado através das câmeras/vídeos.

Reflexivo leva a pessoa a um pensamento aguçando a reflexão sob um devido tema.

Performático é bem parecido com o poético, ressalta a expressão de impacto emocional e social.

Assentamentos, agricultura camponesa e a agroecologia

Quando pensamos em assentamentos tão logo vem à mente um conjunto de questões e processos representativos que fazem parte na construção de um assentamento, no antes, durante e depois. Apresento aqui primeiramente sobre o que é a reforma agrária, ponto primordial e essencial que quando se pensa em documentar a história do assentamento automaticamente ele se engloba.

Segundo Stedile (2012, p. 657), “reforma agrária é um programa de governo que busca democratizar a propriedade de terra na sociedade e garantir o seu acesso,

distribuindo-a a todos que a quiserem fazer produzir e dela usufruir.” O autor cita ainda que

para alcançar esse objetivo, o principal instrumento jurídico utilizado em praticamente todas as experiências existentes é a desapropriação, pelo Estado, das grandes fazendas, os latifúndios, e sua redistribuição entre camponeses sem-terra, pequenos agricultores com pouca terra e assalariados rurais em geral. (2012, p. 657)

Para desapropriar o governo emite um decreto desapropriando e desta forma transferindo a propriedade privada daquela área para o Estado, porém para realizar esse processo é necessário que o governo indenize o ex-proprietário mediante os valores estabelecido pela lei podendo ele ser simbólico ou seguindo a tabela no mercado. Após esse processo de desapropriação, o Estado faz a distribuição das terras para as famílias de agricultores sem-terra de acordo com as reivindicações locais. Há também a opção de expropriação ou confisco, que é quando há irregularidades praticadas por grandes fazendeiros onde ocasiona na transferência de titularidade do fazendeiro para o Estado sem qualquer tipo de renumeração, e há também aqueles casos que o governo não paga pelas terras, porém indeniza os proprietários referente as benfeitorias realizadas no local.

O decreto nº 433, de 24 de janeiro de 1992 permite que haja negociação referente a indenização sem à necessidade de decreto desapropriatório e assim facilitando a tramitação.

Através da reforma agrária é realizado a redistribuição de terra à aqueles sem acesso, e assim possibilitando a função social, prevista na Constituição Federal.

Outro ponto que quando se fala em assentamento ele não aparece é, o que é o assentamento? Pois ele não se resume em apenas um agrupamento de agricultores familiares. Nesse sentido a síntese do que é um assentamento rural também é um montão muito importante que deve aparecer na construção das narrativas de lutas e resistência pela reforma agrária.

Assentamento rural é o agrupamento de várias parcelas divididas a partir de fazenda desapropriada e expropriada, onde a partir da divisão de parcelas são distribuídas entre sem-terra que manifeste interesse. Leite aponta que, em documento oficial de meados da década de 2000, o Estado brasileiro define o projeto de assentamento como

“um conjunto de ações planejadas e desenvolvidas em áreas destinada à Reforma Agrária , da natureza interdisciplinar e multissetorial, integradas ao desenvolvimento territorial e regional, definidas com base em diagnósticos precisos acerca do público beneficiário e das áreas a serem trabalhadas, orientadas para utilização racional dos espaços físicos e dos recursos naturais existentes, objetivando a implementação dos sistemas de vivência e produção sustentáveis, na perspectiva do cumprimento da função social da terra e da promoção econômica, social, e cultural do trabalhador rural e de seus familiares.” (BRASIL, 2004, apud LEITE, 2012, p. 148)

A fazenda é dividida e redistribuída pelo Incra, e esse processo tem etapas a serem seguidas, sendo elas, primeiro o lote é entregue para o assentado e logo após é feito um cadastro RB, cadastro nacional dos assentados da reforma agrária do governo Federal, que é um registro do beneficiário do Incra. A partir desse cadastro o assentado passa a ter acesso aos créditos iniciais disponibilizado para que os assentados da reforma agrária possam desenvolver ações na parcela. No passo seguinte, após os cadastro dos assentados junto a RB o Governo também fica responsável por implantação de políticas públicas, voltadas ao campo, tais elas como educação, saúde, lazer e implantação de obras de infraestrutura que torne o assentamento transitável.

Inicialmente o assentado recebe apenas um contrato de concessão de uso, o título definitivo só é entregue após longos anos quando o governo entende que o assentado consegue manter a propriedade sem a disponibilidades dos créditos voltados a reforma agrária e conseqüentemente pagar pela mesma.

A partir do conceito do que é assentamento, outro ponto que faz parte da estrutura da reforma agrária é o de agricultura familiar que é caracterizado por aquelas parcela onde a família trabalha sozinha sem ajuda de terceiros, ou seja o trabalho é familiar onde

há produção vegetal e criação animal para a própria subsistência, essa prática refere-se a pequenas propriedades onde equivale a quatro módulos fiscais ou menos.

Embora muito parecidos os termos, agricultura camponesa muito se difere da agricultura familiar, pois ela se conceitua

Agricultura camponesa é o modo de fazer agricultura e de viver das famílias que, tendo acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos por meio de produção rural, desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem sobre alocação do trabalho dos que apropriam do resultado dessa alocação (COSTA, 2000 apud CARVALHO e COSTA, 2021, p. 26).

Horácio Martins de Carvalho e Francisco de Assis Costa (2012, p. 26) afirmam que

Famílias desse tipo, com essas características, nos seus distintos modos de existências no decorrer da história da formação social brasileira, teceram um mundo econômico, social, político e cultural que se produz, reproduz e afirma na sua relação com outros agentes sociais. Estabeleceram uma especificidade que lhes é própria, seja em relação ao modo de produzir e à vida comunitária, seja na forma de convivência com a natureza.

O modo camponês de fazer agricultura não está separado do modo de viver, pois todos da família trabalha diariamente desde pequenos onde praticam a agricultura familiar para a subsistência, levando com si alguma práticas de ancestralidade e vivências tais como, os saberes e os fazeres, as práticas tradicionais, a diversificação de cultivo, e a solidariedade comunitária.

A agricultura camponesa é expressão de um modo de se fazer agricultura inverso do modo de produção capitalista dominante, e nesse sentido, o campesinato se apresenta na formação social brasileira com uma especificidade, uma lógica que lhe é própria na maneira de produzir e de viver, uma lógica distinta e contrária a dominante (CARVALHO e COSTA, 2012, p.28-29).

Em 24 de julho de 2006, foi sancionada a lei nº 11.326, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, oficializando a expressão agricultura familiar com concepção distinta daquela da empresa capitalista do campo. Essa expressão teve como objetivo legal o enquadramento dos produtores rurais com características que o enquadram em agricultores familiares.

Agricultura camponesa comporta na sua concepção de particularidade a construção de sua autonomia que tem relação aos capitais tornando um diferencial de representação de maior fortalecimento dos agricultores no seu modo de viver e produzir.

Já a agricultura familiar, seus modos de produção e proteção da terra e da natureza traz consigo conceitos que automaticamente está incluso dentro dos modos de trabalho com princípios da sustentabilidade, a agrobiodiversidade tem um papel fundamental nesse processo.

O termo agrobiodiversidade é formado por agro, do latim, campo, cultura, bio, do grego, vida, diversidade. Significa, portanto, diversidade da vida no campo, das culturas. Segundo o Dicionário Aurélio, “biodiversidade é a existência, numa dada região, de grande variedade de espécies de plantas, ou de animais.” (Ferreira, 2003, p. 298).” (MACHADO, 2012, p. 46)

Os ecossistemas animal e vegetal se completam, um complementando o outro, afinal uma propriedade fundamental da matéria viva é ser diversificada, a diversidade biológica e cultural alimentam-se mutuamente, e sem essas propriedades não há vida.

A sustentabilidade inicia a partir do respeito e proteção da agrobiodiversidade, e isso é um dever e obrigação de todos. A metodologia utilizada na produção agrícola deve se pautar pela proteção à biodiversidade levando em consideração rotação de cultura, plantio direto, respeito as culturas locais, não ao uso de agrotóxicos, e a proteção do solo.

Agrobiodiversidade não diz respeito somente à vida, à fauna, e à flora da superfície terrestre, uma parcela de igual importância está debaixo da

terra no subsolo, ai vivem milhares de espécies vegetais e animais. Em muitos solos a vida subterrânea tem peso maior que os animais criados na superfície. A diversidade da vida no solo é um indicador da sua fertilidade, quanto maior a biodiversidade, melhor a fertilidade. A manutenção e o incremento da vida do solo são antagônicos às práticas de sua agressão ao solo, a diversidade microbiana é um fator que controla a produtividade e a qualidade do agroecossistema (Kennedy, 1999, p. 1). (MACHADO, 2012, p. 47)

Proteger, preservar e recuperar o meio ambiente devem ser algumas das principais preocupações da agricultura familiar, pois solo, água e ar são fundamentais para nossa sobrevivência.

Agroecologia é a ciência agrupada em um conjunto de princípios e prática relacionada ao manejo ecológico visando a sustentabilidade e nela há o respeito entre homem e natureza em cuidar e manter os bens naturais e utiliza-lo de forma consciente, é através das práticas agroecológicas que o meio ambiente é preservado e a partir dos princípios em práticas se obtém uma agricultura saudável e com qualidade de vida. Como apontam Guhur e Toná, a agroecologia se conceitua como

Um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) “que incorporam os princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura” (LEFF, 2002, p. 42). (2012, p. 57)

Através da agroecologia é possível plantar e colher alimentos saudáveis sem o uso de agrotóxico e sem agredir o meio ambiente e assim plantar e colher de forma saudável tanto para a natureza quanto para o homem, pois é a partir de práticas agroecológicas que é possível utilizar do solo sem agrotóxicos, sem insumos agrícolas que prejudicam a natureza de modo geral. Através dos princípios agroecológicos em prática é possível o desenvolvimento da agricultura em harmonia com o meio ambiente, e é a partir desses princípios que é possível preparar o solo a partir dos conhecimentos de ancestralidade ou não, sobre o uso sustentável onde é possível o aproveitamento de

100% dos resíduos naturais onde os mesmo tem um papel fundamental para a natureza substituindo o uso de substancias químicas que agride o meio ambiente.

Do ponto de vista histórico, o “termo agroecologia parece ter surgido na década de 1930, como sinônimo de ecologia aplicada a agricultura (Gliessman, 2000, p.58).” (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 58). Ainda segundo os autores,

para compreender as condições que determinaram o surgimento da agroecologia, é importante ter presente que a questão ecológica envolve, na atualidade, “a perenidade das condições de reprodução social de certas classes, de certos povos e, até mesmo, de certos países” (Chesnais e Serfati, 2003, p. 1), destacando-se os camponeses dos países da periferia do capitalismo. (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 57-58)

O termo agroecologia começou a ser utilizado no Brasil somente em 1989 e somente no fim da década de 1990 os movimentos sociais integraram o termo agroecologia nos debates e assim intensificando-o a partir da incorporação do debate sobre agroecologia na estratégia política. Guhur e Toná mencionam a importância do pesquisador Miguel Altieri nos estudos sobre o tema, do qual retiramos a seguinte definição sobre a agroecologia: “uma disciplina que fornece os princípios ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos e conservadores de recursos naturais apropriados culturalmente, socialmente justos e economicamente viáveis” (ALTIERI,1999, p. 9, apud GUHUR e TONÁ, 2012, p. 60).

Com uso consciente dos recursos naturais é possível também produzir através do sistema agroflorestal que consiste em um espaço pequeno plantar arvores frutíferas diversas e também incluir demais plantas onde proporciona a conservação e cobertura do solo e assim recuperando a sua fertilidade.

Em uma produção com princípios ecológico tudo relacionado a produção da agricultura tem aproveitamento, pois a produção que é excluída como alimento humano serve para o alimentação dos animais, e o que é descartado impossível de alimentar os animais é usado como adubo, como fertilizando, utilizado para recuperar o solo ou áreas degradadas. Agrofloresta é combinado a partir de um conjunto de regras que vão dando

forma e fazendo o mesmo funcionar, tal como as plantas que poder ser divididas e classificadas de acordo com a fase de mudança no ecossistema, sendo elas pioneiras, secundarias ou climácicas, as pioneiras são aquelas que adaptadas ao ambiente ensolarado e pobre de nutrientes, e as secundarias que desenvolve na fase de maior acumulo de matéria orgânica e as climácicas são aquelas que estabilizam a fase da agroflorestal, proporcionando sombra, umidade e acumulando biomassa e nutrientes no solo.

Nos dias de hoje, dada a sua importância, “a agroecologia tem sido reafirmada por um conjunto de sujeitos sociais, organizações e instituição de pesquisa e ensino como uma ciência, um enfoque ou disciplina científica, como prática (social) e como movimento ou luta política.” (GUHUR e SILVA, 2021, p. 59).

Ou seja, o diálogo sobre a agroecologia e a pratica agroecológica pode aparecer em diversas instâncias e localidade sendo ela campo ou cidade com o intuito de levar as pessoas a pensar sociedade/natureza como um projeto de sociedade que queremos para o futuro. Para Guhur e Silva, “o que chamamos de agroecologia tem sua origem nas práxis camponesas e dos povos originários ao longo de aproximadamente 12 mil anos de criação e recriação das “agri-culturas”” (2021, p. 60).

Afinal a agricultura e seus modos de produção reformularam de acordo com que os anos foram passando, tecnologias surgindo, a visão e pratica de facilidades e um maior capital em curto prazo, e com isso os modos de produção sustentável que segue geração a geração vem perdendo força diante da sociedade capitalista. Com isso a agroecologia e sua importância reafirma também a importância dos saberes e fazeres ancestrais, os princípios agroecológicos perpassam gerações e gerações de pequenos agricultores que ainda trabalham com o manual, preservando e praticando os saberes que acompanham a cada geração e isso vem ganhando força em sua reprodução social e pela importância que tem agroecologia para a soberania alimentar e saúde. “Um conceito base para compreender a agroecologia é a coevolução entre os sistemas naturais e sociais, entre ambiente e cultura, sendo que os seres humanos tem

capacidade de direcionar essa coevolução (Gliessman, 2000, p. 58)” (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 61)

Os camponeses, seus saberes e fazeres e formas de se auto organizarem são primordiais para o processo de coevolução. O saber da agroecologia contribui para o desenvolvimento de um novo paradigma produtivo para mostrar que é produzir a partir da natureza e com ela e ela tem como princípio o cuidado e defesa da vida, a produção de alimentos saudáveis sem agredir o meio ambiente e consciência política e organizacional.

A agroecologia anda lado a lado à luta pela soberania alimentar, pela recuperação dos territórios e cooperação entre o campo e a cidade. Como ressaltam Guhur e Toná, a “agroecologia se insere na busca por construir uma sociedade de produtores livremente associados para a sustentação de toda uma vida (Via Campesina e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2006)” (2012, p. 64).

Pensar a agroecologia é pensar no ontem, no hoje e no futuro, pensar agroecologia é pensar no eu e no próximo, e é o caminho para a produção de alimentos saudáveis, a partir de sistemas justo e sustentáveis que promove o melhor uso dos recursos naturais e do solo, valorizando a diversidade de sementes crioulas e incentivando a economia solidaria. O respeito entre as pessoas e a natureza, a consideração de seus conhecimentos e valorização das experiências fazem parte da agroecologia.

Pensar a sustentabilidade é pensar a relação consigo, com o outro e com a terra, o desenvolvimento da sustentabilidade se dá a partir das ações e atitudes de cada indivíduo. Com a agroecologia é possível produzir alimentos com sustentabilidade. O agroecossistema faz parte do agrupamento que se constrói e é um dos pilares da agroecologia pois,

Um agroecossistema é, em resumo, um ecossistema artificializado pelas práticas humanas, por meio de conhecimento, da organização social, dos valores culturais e da tecnologia, de maneira que sua estrutura interna é “uma construção social produto da coevolução entre as sociedades

humanas e a natureza” (Casado, Sevilla-Guzmán e Molina, 2000, p. 86). (GUHUR e TONÁ, 2012, p. 60)

Através da agroecologia se obtém bases para desenvolver agroecossistemas no intuito de que sejam produtivos e sustentáveis e garantam a sociedade hoje e no futuro soberania alimentar com qualidade de vida.

Construir agroecossistemas produtivos e sustentáveis, que garante as necessidades humanas e as transformações onde haja a recuperação e conservação da natureza só é possível a partir da agricultura camponesa com os princípios da agroecologia.

O enfoque agroecológico também propõe a construção de relações sociais nos agroecossistemas pautadas em noções como cooperação, solidariedade e promoção da participação livre das mulheres e dos jovens, além de promover o resgate e aprimoramento do patrimônio cultural dos agricultores (MONTEIRO, 2012, p. 69-70).

Os ecossistemas naturais são essenciais para desenvolver agroecossistemas produtivos, saudáveis e sustentáveis onde a biodiversidade acompanha lado a lado para que as espécies nativas cumpram não somente o papel de função ecológica e sim funções econômicas criando produtos para autoconsumo e geração de renda.

A soberania alimentar é outro ponto muito importante que trago no referencial teórico, pois através da agricultura familiar é possível promover a soberania alimentar, porém, antes disso é necessário compreendermos o que é a soberania alimentar.

Segurança alimentar é uma política pública aplicada por governos de diversos países que parte do princípio de que todas as pessoas tem direito à alimentação e que cabe ao Estado o dever de prover os recursos para que as pessoas se alimentem (STEDILE e CARVALHO, 2012, p.714).

Para que essa política pública seja aplicada há vários mecanismos, tais como, distribuição de cestas básicas e o Bolsa Família.

Soberania alimentar é o conjunto de políticas públicas e sociais que garantem alimentos necessários para a sobrevivência da população, soberania alimentar se diferencia de segurança alimentar pois, parte do princípio que para ser soberano a sociedade tem que ter condições mínimas e recursos para produzir seus próprios alimentos. A soberania alimentar prioriza o beneficiamento e distribuição de alimentos pelas economias e mercados locais, promovendo um comércio transparente onde permitem que os consumidores controlem sua alimentação e nutrição.

Capítulo 3 – Análise de entrevistas do documentário

Esse trabalho de conclusão de curso teve como um de seus principais resultados, a realização de um documentário¹¹. Foram filmadas 21 entrevistas no território, sendo cada um dos assentados e assentadas escolhidos para participar do filme, contatados previamente e todos concordaram com a participação na pesquisa.

Os critérios de escolha para a participação dos entrevistados(as) foram principalmente: serem nativos do território, participação nas expressões culturais, desenvolvimento da produção em parcelas que foram visitadas, lideranças locais e sindicais.

O material bruto filmado nas entrevistas contabiliza aproximadamente uma hora de duração, com 38 vídeos gravados em celular e com gravador de áudio próprio para audiovisual, visando melhor qualidade de som. O roteiro teve como base as questões elencadas da parte de metodologia da pesquisa, anteriormente mencionada.

Aqui, pretendemos destacar e analisar, um aspecto relevante na história e na memória do Assentamento Rio Bonito, que é o fato de que o mesmo ficou marcado em seu início por conflitos entre posseiros e pessoas que representavam o Senhor Amador, fazendeiro, junto à comunidade. No decorrer das entrevistas que aqui foram narradas é possível perceber que inclusive umas se diferem das outras.

Essas narrativas tem um papel muito importante para que seja possível identificar a história de construção do PA e é através delas que conseguimos sintetizar a história real e seus passos.

¹¹ Link do documentário “Memória oral em documentário resistência, cultura, saberes e fazeres na comunidade Rio Bonito”, na versão em que foi apresentada neste TCC: https://youtu.be/kvrfIZR5D_k

Relato do morador Edson

Cheguei aqui em 1959, isso aqui era mata virgem, não existia a estrada pela serra, era cavaleiro, um carreirinho de paca, e na época, no Órfão ninguém conhecia carro, era praticamente isolado. O primeiro trator que chegou na fazenda vizinha, uma pessoa correu, chegou assombrada achando que era um bichão, ela chegou azul de pancada devido correr pelo cerrado. Em 1978 o fazendeiro Dr. Amador chegou na localidade, comprou a fazenda e veio morar aqui. Em 1996 fizeram o desapropriamento devido uma reclamação que os vereadores da época fizeram em Cavalcante, em 1997 foi a época que o INCRA liberou para que as pessoas pudessem retornar para a comunidade. Hoje moramos aqui, mas ainda não somos donos, só seremos quando formos titularizado, inclusive eu queria vender e minha esposa entreviu e não aceitou e isso foi uma benção, agora é o seguinte, eu quero morrer aqui.

Relato do morador Gersonio

Na época nós trabalhava aqui com gado, lidava com gado gordo, e quando chegaram o pessoal do INCRA para fazer o desapropriamento, chegam em minha casa e o fazendeiro Amador não foi contra o desapropriamento e assim prosseguiu os trâmites para transformar em assentamento. O fazendeiro foi notificado e a partir daí ele fez a retirada das coisas dele antes que o povo pudessem retornar, a partir daí logo os antigos posseiros começaram a retornar e eu permaneci no local e minha casa ficou ponto de referência e devido a isso foi quando surgiu a possibilidade junto ao INCRA da necessidade de uma associação registrada dentro do assentamento, foi quando me chamaram, fizemos algumas reuniões, e fizemos uma chapa para que pudesse acontecer a candidatura para presidente da associação, fui o 1º presidente, onde com o passar do tempo eu passei a presidência para que o povo local pudesse assumir a responsabilidade. Tudo foi muito rápido, logo foram chegando novos assentados, o

fazendeiro não contestou nada, só após medir a terra que ele contestou devido ter passado um pouco da quantidade que o INCRA havia pagado, e ele queria receber o valor total que a terra valia, e assim foi, foram feitos os parcelamentos e aqui estamos até hoje aguardando os nossos títulos.

Relato da ex-morador Lucimar

Cheguei aqui no PA Órfãos em 1998, no ano de 1999 secretariei a associação e dois anos posterior eu presidi a associação aqui do assentamento por três anos, desse projeto de assentamento, tivemos um embaraço judicial grande porque o proprietário das terras na época, o senhor Amador comprou um pedaço de terra e com isso foi tendo pressão por parte de administradores e na região tinha posseiros que já eram nativos aqui, de uns eles foram negociando, comprando e enfim, travou se uma batalha judicial e isso se arrastou por mais de dez anos. Ao longo do tempo o INCRA nas audiências, foi feito um tipo de acordo com os posseiros onde uns foram indenizados por cinco alqueires, outros por dez, total de 12 posseiros na época indenizados. Posterior a isso foi liberando os embaraços judiciais para que assim o INCRA pudesse estar agindo junto ao assentamento através do parcelamento, da liberação de créditos, como fomento alimentação. Ainda nos dias atuais ainda há alguns embaraços devido a poucas famílias estão devidamente organizadas para que possam receber o título definitivo, esperamos que tão breve o INCRA possa estar titulando, pois já estamos a mais de 20 anos com esse projeto e infelizmente ainda não foi consolidado. Isso traz muito prejuízo e atraso para as famílias, para os trabalhadores que aqui pelem pela sua subsistência familiar.

Relato da moradora Reisney

Eu mudei para aqui em 99 e fui ser professora em uma escola improvisada, era o maior sofrimento pra deslocar até ela pois, não tinha estrada, não tinha ponte, íamos à cavalo, a pé, era um sofrimento enorme que existia. Hoje as coisas estão mais fácil, já temos escola com aula até o ensino médio, temos estrada, pontes, não muito boa pois precisam arrumar, mas hoje está mais fácil, mais já sofremos muito, eu ia para o colégio a pé o rio enchia e eu tinha que ficar lá com fome com as crianças até por volta das 16, 17 horas da tarde.

Relato da moradora Bené

Eu nasci aqui no órfão, cresci e estou vivendo até hoje, e naquele tempo era muita gente, meus avós e através disso apareceu gente de fora, começaram comprar e depois foi tomando do pessoal, foi tomando e foi tirando o povo e por fim foi nós, saímos daqui através de polícia, dois policiais, faço questão de citar o nome da pessoa mais ruim que nos prejudicou, foi Gersonio, trazendo dois policiais, Portela oficial, e ainda preparado com uma espingarda onde foram chegando e pegando as nossas coisas e jogando fora de todo jeito. As minhas crianças tudo chorando porque eram pequenas e nunca haviam visto aquele horror e ai foram pegando as nossas coisas, colchão que na época era de capim. Hoje as coisas não estão muito boa mas naquela época era pior, pegando vasilha e jogando tudo no terreiro e até que tirou nos através de cavalo até um certo percurso e em seguida colocaram nós em um caminhão velho, sem farol, subimos a serra durante a noite, onde paramos lá próximo a outra serra onde morava uma pessoa e por lá ficamos dois dias, com galinha, porco encima do carro, alguns morreram até que por fim pegaram a gente e levaram para a cidade. Gersonio queria deixar nós na praça, mas existe gente boa nesse mundo e um senhor chamado João lapa que acolheu nós em uma casinha velha mas que serviu para nos acomodar, ficamos por lá e dependendo de ajuda das

peessoas, com filhos pequenos, na época a casa era bem cheia, com 13 pessoas. Ficamos por lá e eu fui para Goiana, procurando nossos direitos de pelo menos referente as coisas que ficaram para traz, a produção familiar, roças plantadas, muita coisa na época.

Quando cheguei no IDAGO que procurei por auxilio e falei do que se tratava, viraram para mim e falaram que o ponto pertencia ao senhor chamado Amador, eu peguei e falei para ele que não, que então o direito era de quem tinha dinheiro e não de nós que precisava e que morava no local. Sai de lá e fui embora, onde procurei outros apoio onde sempre me falavam a mesma coisa, me jogaram para Formosa onde fiquei andando, andando, toda vez eles falavam que iam arrumar um lugar para eu morar, Alto Paraíso, Formosinha, e toda vez que eu ia eu lembrava de uma coisa e contava, até por fim eles viram que a fazenda órfão tinha que transformar em reforma agraria, e a partir daí começou o diálogo, através de mim outras pessoas foram também dialogar e logo em 1996/1997 liberaram o assentamento para nós voltarmos a morar e nós fomos os primeiros a retornar e estamos aqui até hoje.

Na época era muitas famílias, não apenas dez, doze, quinze família não, deram varias e todos sofreram e foi muito difícil, passamos mais de mês sendo perturbados, depois que fomos retirados, queimaram nossa casa. Mas através disso, das famílias terem saído de um a um, foi transformado assentamento e todos puderam retornar.

Aqui se escancara a violência sofrida por parte dos posseiros da época, onde a lei que valia era a lei do grileiro, a lei de quem tinha mais capital. A luta da época foi marcada por muita dor, marcas que os assentados carregam até hoje e não gostam nem de lembrar, inclusive alguns assentados se sentem oprimidos para contar todos os detalhes vivido na época. Passaram-se mais de 20 anos, mas muitos ainda não se sentem confortável para relembrar e contar tudo que viveram naquela época. O autoritarismo marcou muito e marca até os dias atuais, onde mesmo distante o fazendeiro da época e seus capatazes consegue fazer com que alguns assentados se calem.

* * *

As narrativas nos mostram que as políticas públicas se faziam ausentes no período de luta pela terra nos anos 1990, e que os posseiros viviam praticamente isolados. Mostra também a luta, resistência e cultura de um povo que lutou muito para que pudessem retornar para a comunidade onde nasceram e foram criados.

É possível perceber a evolução de antigamente para os dias atuais, e o anseio maior dos assentados fica explícito, que é o tão sonhado título. Mas há outros pontos cruciais que se fazem necessários para a evolução da comunidade, sendo educação, lazer, estradas, ponte, saúde e transporte.

Os assentados fazem observações relevantes de que as parcelas afetadas com enchentes são justamente as que tem maior parte desmatada, as parcelas que trabalham com os princípios agroecológicos, automaticamente tem uma base composta por arvores nativas e frutíferas que criam uma base de proteção tanto para o rio, para a produção e para as casas.

Evidentemente, o documentário com o conjunto de entrevistas consegue compor um panorama mais complexo e articulado da visão dos moradores sobre o território. Porém, em nosso recorte aqui destacado, percebemos que o impacto da luta pela terra nos moradores segue presente. Os mesmos relatam o trauma de ficar sem ter onde morar com famílias numerosas, benfeitorias queimadas, animais perdidos, etc.

Entendemos que nada paga o sofrimento da época e valorizamos a luta dos moradores em reconstruir em sua história. Esperamos que o documentário seja uma forma de retribuir a luta coletiva.

Considerações finais

Acreditamos que com este percurso de pesquisa, misturando documentário com texto monográfico, chegamos em uma história que não é dita sobre o Assentamento Rio Bonito. A história que muitas vezes não aparece é a história de luta, de opressão, de resistência e o valor da produção e da cultura de quem conquistou a terra.

Vale destacar que a comunidade evoluiu muito com a luta, porém ainda há muito o que evoluir. Atualmente há formação escolar até o ensino médio, há transporte disponibilizado para os alunos, energia já chegou ao assentamento e a internet já se encontra presente em algumas parcelas, porém a dificuldade com estradas e pontes precárias ainda atormentam os assentados. Passa ano e entra ano e nada é feito. O fim do ano de 2021 e início de 2022 ficou marcado pelo excesso de chuva e as consequências ocasionadas no local, onde, os assentados ficaram ilhados e isolados por dias, devido a ponte não ter condições mínimas para transporte.

Claro que a ação humana reflete nos resultados ocasionados, muito do sofrimento por parte dos assentados é fruto do uso inconsciente do solo, uso excessivo de defensivos agrícolas e desmatamento às margens do Rio Bonito. Esse impacto ambiental acarreta automaticamente no assoreamento dos rios e nascentes e prejudicam os indivíduos e o território em si.

Nos dias atuais, infelizmente as ações de alguns assentados são mediadas sob visão de facilidades e maior capital. Inclusive o uso de defensivos agrícolas se dá por 50% dos assentados que detém um capital maior em comparação aos demais assentados, e dos outros 50%, 40% não os utilizam devido não ter condições financeiras para adquirir os defensivos que tem um valor elevado.

Entendemos essa pesquisa como importante para não perder a narrativa dos moradores mais velhos do assentamento e registrar sua visão da história, que pode depois ser aprofundada por novas pesquisas.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2000.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História, São Paulo, 14, 1996.

BUAINAIN, A.M.(Org.). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. SP: Editora da UNICAMP, 2008.

CALDART, Roseli Salete. **Caminhos para transformação da escola**. In: Caldart, R. S., Stedile, M. E. e Daros, D. (org.) Caminhos para transformação da escola 2: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p. 115-138.

CARVALHO, Horácio Martins de; COSTA, Francisco de Assis. **Agricultura camponesa**. In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CHILES, J. M.; ROCHET, J.; RECINE, E. **“A Prosa”**. In: Geraizeiros em prosa, roça e fogão: sistemas de produção, conhecimentos e práticas tradicionais associadas ao alimento no cerrado mineiro. Brasília, DF: CASA; Universidade de Brasília, 2021.

DA-RIN, Silvio. ‘Introdução’. Espelho Partido: **Tradição e Transformação do Documentário**. Azougue editorial, 2004. P 15 – 23.

_____. ‘A representação problemática’. Espelho Partido: **Tradição e Transformação do Documentário**. Azougue editorial, 2004. P 187-220.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo horizonte: Autentica, 2002.

ELOY L., Carvalho I.S, Figueiredo I. **“Sistemas agrícolas tradicionais no Cerrado: caracterização, transformações e perspectivas”**, in Santilli J., Bustamante P. & Barbieri R.L. (eds.) Conservação e uso da agrobiodiversidade. Relatos de experiências locais. Embrapa: Brasília, DF, 2017.

FRANÇA, Angela Valdilena Velasco. **Leituras e compreensões de cerrado pela comunidade do Assentamento de Rio Bonito, em Cavalcante, Goiás**. 2014. 69 f., il. Monografia (Bacharelado em Gestão Ambiental)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **Trabalho como princípio educativo**. In: CALDART, R. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. P. 750-757.

GUDINHO, Maria Lúcia Martins. **A folia de São Sebastião no Povoado São José em Cavalcante - Goiás: uma experiência em letramentos múltiplos**. 2017. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2017.

GUHUR, Dominique Michèle Periotto; TONÁ, Nilciney. **Agroecologia**. In: CALDART, Roseli Salete. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívea Regina da. **Agroecologia**. In: DIAS, Alexandre Pessoa et al. (Orgs.) *Dicionário de agroecologia e educação*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

LEITE, Sérgio Pereira. **Assentamento Rural**. In: CALDART, Roseli Salete. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro. **Agrobiodiversidade**. In: CALDART, Roseli Salete. et al. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MENASCHE, R; ALVAREZ, M; COLLAÇO, J. **"Introdução: Alimentação e cultura em suas múltiplas dimensões"**. In: MENASCHE, R; ALVAREZ, M; COLLAÇO, J. (orgs.). *Dimensões socioculturais da alimentação: diálogos latino-americanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

MONTEIRO, Denis. **Agroecossistemas**. In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

NICHOLS, Bill. 'Porque as questões éticas são fundamentais para o cinema documentário?'. **Introdução ao documentário**. São Paulo: papiros, 2005. P 18-26.

NICHOLS, Bill. 'Em que os documentários diferem de outros tipos de filmes'. **Introdução ao documentário**. São Paulo: papiros, 2005. P 27-47.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral**. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, São Paulo, N. 14, fev., 1997.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. "**Ambiente (meio ambiente)**". In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SANTOS, D. A. O.; LOPES, H. R. (organizadoras). **Saberes dos povos do cerrado e biodiversidade**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2020.

SAUER, Sérgio. **Terra e modernidade: a reinvenção do campo brasileiro**. SP: Expressão Popular, 2010.

SILVA, Aneli Soares da; SARAIVA, Regina Coelly F. **Plantas do Cerrado com potencial medicinal: registro do conhecimento tradicional na comunidade Kalunga Ribeirão dos Bois, Teresina de Goiás**. In: SOUSA, Rosineide Magalhães de. et al. Letramentos múltiplos e interdisciplinaridade na Licenciatura em Educação do Campo. Brasília: Decanato de Extensão/UnB, 2016.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. "**Desenvolvimento sustentável**". In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

_____. "**Sustentabilidade**". In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SIQUEIRA, Winie Vasconcelos. **Tecendo fios de solidariedade**: uma experiência com mulheres do assentamento Rio Bonito, de Cavalcante - GO. 2014. 69 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Gestão Ambiental)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2014.

STEDILE, João Pedro (Org). **A questão agrária no Brasil**, volumes 1,2, e,3. SP: Expressão Popular, 2010.

_____. **Reforma Agrária**. In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

STEDILE, João Pedro; CARVALHO, Horácio Martins de. **Soberania alimentar**. In: CALDART, Roseli Salete. et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

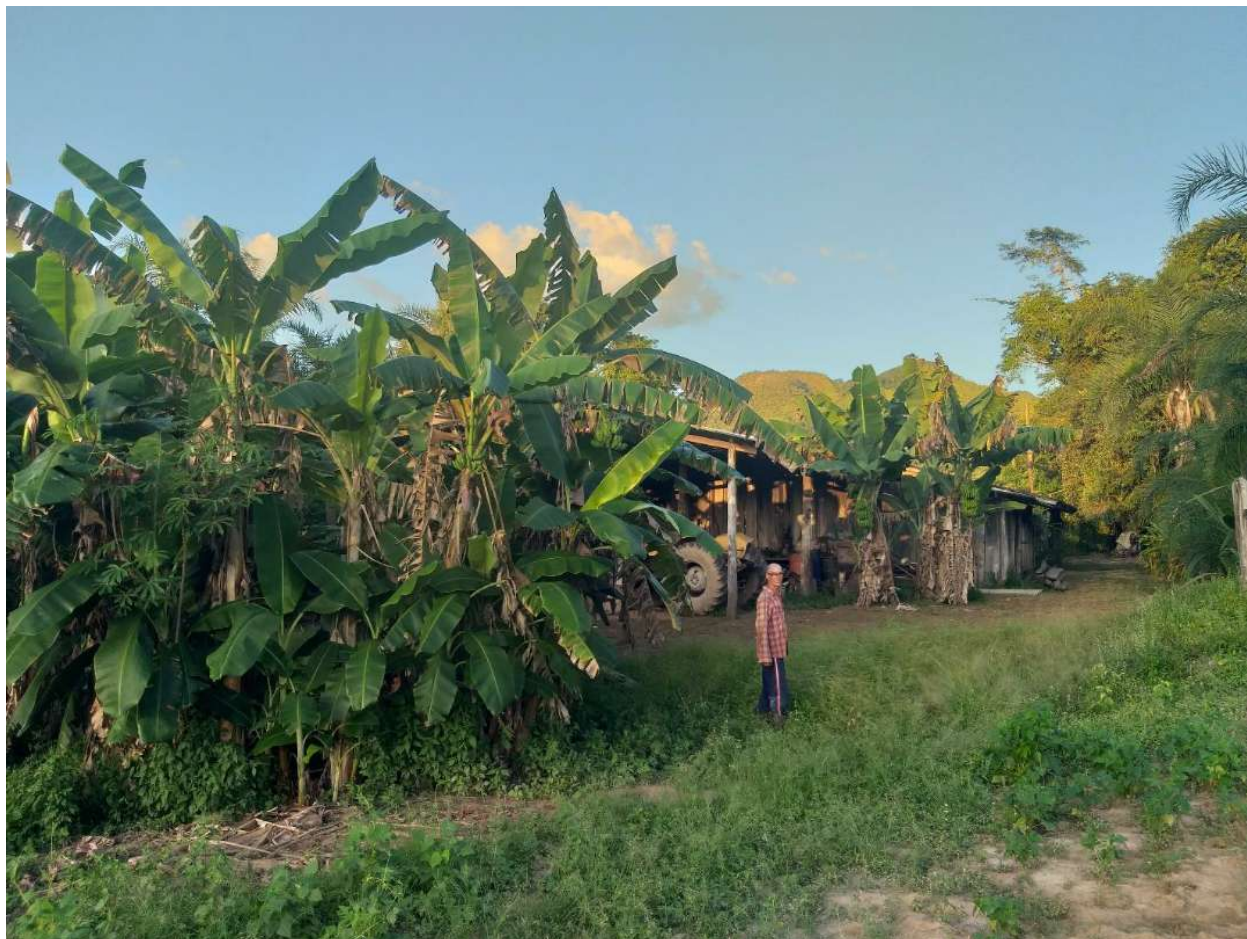
THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

XAVIER, L. P.; DA SILVA PEREIRA, M. F. C.; CEZIMBRA, E. N.; CASSARINO, J. P. **Soberania alimentar: proposta da via campestre para o sistema agroalimentar**. In: Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 4, n. 7, Edição Especial, p. 4454-4466, nov. 2018.

APÊNDICE 1 – LISTA DE ENTREVISTADOS – ASSENTAMENTO RIO BONITO

Maria Aparecida da Silva Norberto
Gersonio Neves de Matos
Edson Moreira dos Santos
Reisney Moreira dos Santos
Adevaldo Gonçalves dos Santos
Elano Gonçalves dos Santos
Alvina Pereira Lopes
Durreis Gonçalves dos Santos
José Cardoso dos Santos
Benedita Gonçalves dos Santos
Eva Pereira da Rocha
Adriana Gonçalves da Conceição
Celina Gonçalves dos Santos
Valdemar Vicente
Mara Durreis Pereira de Sousa
Cantuária Francisco Maia
Celia Maria Freires Porco
Hermana Farias da Silva
Romana Moreira Oliveira
Eliene Rosa de Freitas
Geraldo Dias Araújo
Gesio Dias Araujo

APÊNDICE 2 – FOTOS DA PRODUÇÃO ORGÂNICA E AGROECOLÓGICA DA PARCELA 55 – ASSENTAMENTO RIO BONITO (FONTE: FOTOS DA AUTORA)











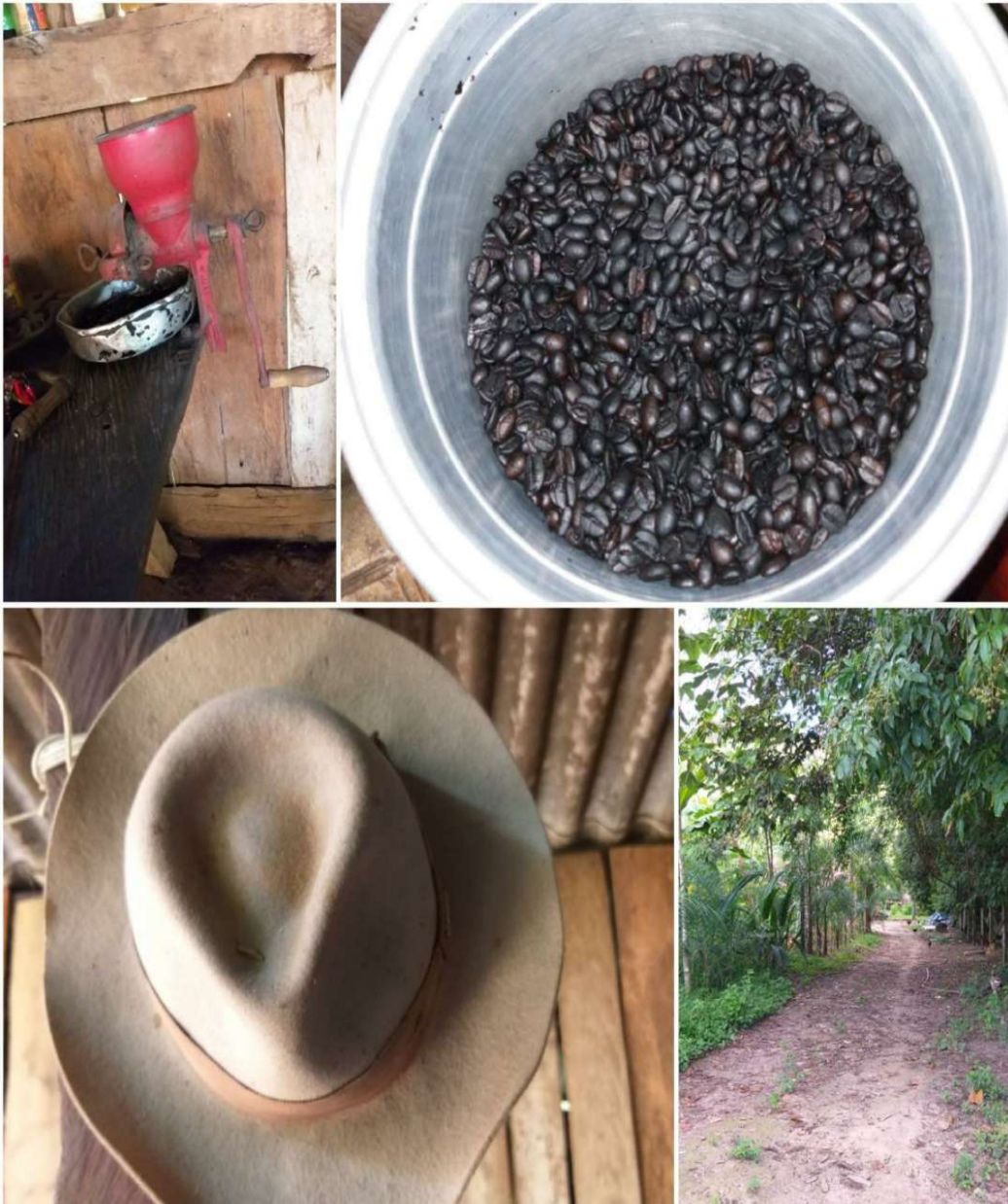






















































































APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DAS/OS
PARTICIPANTES DA PESQUISA:

“MEMÓRIA ORAL EM DOCUMENTÁRIO: RESISTÊNCIA, CULTURA, SABERES E FAZERES NA COMUNIDADE ASSENTAMENTO RIO BONITO, CAVALCANTE-GOIÁS”.

Pesquisa realizada pelo/pela: Luana Rosa Araujo, RG nº: _____, Órgão emissor: SSP GO, CPF: _____, telefone (DDD): _____, endereço eletrônico: luanaaraujo-sttr@hotmail.com, orientada pela/pelo Professor(a):

Felipe Canova Gonçalves, da Universidade de Brasília (UnB).

A pesquisa objetiva documentar narrativas oral em áudio e vídeos entorno da história do Assentamento Rio Bonito, município de Cavalcante Goiás.

Os dados coletados além de comporem documentário e texto sob a forma de monografia exigida como trabalho de conclusão de curso, poderão ser utilizados por esta (e) para apresentação em eventos acadêmicos, científicos e didáticos, e encaminhados para publicação, tanto na área de educação, quanto em áreas afins.

As/os participantes da pesquisa a respondem de forma voluntária e são livres para, a qualquer momento que desejem e em qualquer fase da pesquisa, recusarem-se a participar ou retirar seu consentimento de participação, sem qualquer prejuízo a elas/eles mesmas/os e à pesquisadora.

Eu, _____

Carteira de identidade nº _____ telefone:

Declaro que li este documento e quadro-síntese da pesquisa. Entendi os propósitos da pesquisa e sinto-me esclarecida (o) a participar da pesquisa, dando o meu consentimento livre.

Assinatura: _____

Data: _____